J. Krishnamurti

Autoconhecimento
Correcto pensar Felicidade

AAFBB

DO MESMO AUTOR:

A BUSCA (poemas).

A CANÇÃO DA VIDA (poemas).

EXPERIÊNCIA E CONDUTA.

PALESTRAS EM AUCKLAND — 1934.

COLECTÂNEA DE PALESTRAS.

PALESTRAS EM OJAI — 1936.

PALESTRAS EM OJAI E EM SAROBIA — 1940.

O MEDO.

ACAMPAMENTO DE OMMEN — 1937/8.

PALESTRAS NO BRASIL, NA ARGENTINA, NO CHILE E NO MÉXICO.

J. KRISHNAMURTI

Autoconhecimento Correcto pensar Felicidade

*

Editado pela
Instituição Cultural Krishnamurti
AVENIDA RIO BRANCO, 117 - 2.° andar, sala 203
RIO DE JANEIRO (BRASIL)
1947

Traduzido directamente do inglês por um grupo de colaboradores da I. C. K.

I

Em meio a tanta confusão e sofrimento, urge que nos compreendamos a nós mesmos, porque, sem essa compreensão criadora, não é possível a vida de relação. E só o correcto pensar nos facultará entendimento. Nem líderes, nem novos valores, nem plano nenhum dará origem a esse entendimento fecundo: o nosso próprio esforço no exacto sentido é o único que propiciará a verdadeira compreensão.

Como é possível, então, achar essa compreensão fundamental? Por onde começaremos para descobrir o que é real, o que é verdadeiro, em toda esta conflagração, confusão e miséria? Não releva descobrir por nós próprios como pensar correctamente acerca da guerra e da paz, das condições económicas e sociais, das relações com os nossos semelhantes? Cumpre, porém, distinguir entre o correcto pensar e o pensamento correcto ou condicionado. Podemos suscitar em nós, por imitação, pensamentos correctos, mas tais pensamentos não constituem o verdadeiro

pensar. O pensamento correcto ou condicionado não é criador. Quando soubermos pensar, por nós mesmos, correctamente — o que significa ser vivo, dinâmico — então será possível trazer à existência uma cultura nova e mais feliz.

Desejo explanar durante estas palestras o que se me afigura ser o processo do correcto pensar, de modo que cada um seja realmente criador, e não mero escravo de séries de ideias ou preconceitos. Como principiaremos a descobrir por nós o que é pensar correctamente? Sem o pensar correcto, não há ventura possível e as nossas acções, o nosso comportamento, as nossas afeições carecerão de base. Não se descobre, porém, o correcto pensar por meio de livros, nem com o ouvir palestras, nem tão pouco com o escutar ideias alheias sobre o que é pensar correctamente: deve ele ser descoberto por nós e através de nós mesmos.

O correcto pensar advém, com efeito, do conhecimento de nós próprios. Sem o autoconhecimento, não há pensar exacto.

A não vos conhecerdes, o que pensais e o que sentis não serão verdadeiros. A raiz de toda a compreensão está no entendimento de vós próprios.

Se descobrirdes as causas de vosso pensamento-sentimento e daí aprenderdes a pensar e sentir, então o começo do entendimento despontará. Sem vos conhecerdes, o acúmulo de ideias,

a aceitação de crenças e teorias carecerão de fundamento e permanecereis sempre incertos, dependentes do temperamento e das circunstâncias. Não tendo plena ciência de vós, não podeis pensar correctamente. Isto é óbvio. Se ignoro os meus motivos, as minhas intenções, o fundo do meu ser, os pensamentos e sentimentos próprios, como posso estar em harmonia ou desarmonia com alguém? Como posso avaliar ou estabelecer minhas relações com o próximo? Como posso descobrir algo da vida, se não conheço a mim próprio? E o conhecer-me implica enorme tarefa, que requer contínua observação e vigilância meditativa.

Eis a nossa primeira tarefa e que precede até o problema da guerra e da paz, dos conflitos económicos e sociais, da morte e da imortalidade. Estas questões surgirão, terão de surgir, mas, conhecendo-vos, compreendendo-vos, elas serão solucionadas justamente. Assim, se realmente estais interessados nestes assuntos, deveis começar por vós, a fim de compreenderdes o mundo de que sois parte. Porque, sem vos compreenderdes, não podeis compreender o todo.

O autocônhecimento é o início da sabedoria. É ele cultivado pela busca individual de nós próprios. Não estou colocando o indivíduo em oposição à massa, porquanto um e outro, em verdade, não são antagónicos. Vós, o indivíduo,

sois a massa, o resultado da massa. Com profundo exame, verificareis que encerrais o colectivo e o particular. Semelha isso uma corrente que fluísse sem interrupção, deixando pequenos remoinhos a cada um dos quais chamássemos "individualidade", mas resultantes, todos, desse contínuo fluir d'água. Vossos pensamentos-sentimentos, vossas actividades mental-emocionais, não procedem do passado, daquilo que denominamos "o colectivo"? Não tendes pensamentos-sentimentos análogos aos do vosso próximo?

Portanto, ao falar do indivíduo não o estou colocando em oposição à massa, antes desejo afastar este antagonismo. O antagonismo entre vós, o indivíduo, e a massa, gera confusão e conflito, impiedade e miséria. No entanto, se pudermos compreender como vós, o indivíduo, sois parte do todo, não só de modo místico, mas também concreto, real, então nos libertaremos, feliz e espontâneamente, da maior parte do desejo de competir, de triunfar, de enganar, de oprimir, de agir com crueldade, de nos fazermos líderes ou discípulos. Observaremos o problema da existência de maneira inteiramente diversa. É importante compreender a fundo essa interdependência do indivíduo e a massa. Enquanto nos considerarmos como indivíduos separados do todo, concorrendo com alguém, obstruindo-lhe o caminho, fazendo-lhe oposição, sacrificando a maioria ao particular, ou

este à maioria, as questões decorrentes desse antagonismo não terão solução acertada e duradoura, pois derivam de um pensar e sentir erróneo.

Deste modo, ao referir-me ao indivíduo não o estou colocando em oposição à massa. Que sou eu? Sou um resultado; sou o resultado do passado, de suas inúmeras estratificações, de uma série de causas-efeitos. E como posso estar em oposição ao todo, ao passado, se resulto de tudo isso? Se eu, que sou a massa, o todo, não me compreendo, não só objectivamente, como forma corporal, senão também subjectivamente, em meu íntimo, como poderei compreender a outrem, ao mundo? Para o indivíduo entender a si próprio, isenção de ânimo, subtileza e tolerância são requisitos indispensáveis. Se vos não compreenderdes, nada mais compreendereis; podeis ter grandes ideais, crenças e fórmulas, mas carecerão de realidade: serão ilusões. Por conseguinte, necessitais conhecer-vos para compreender o presente e, através dele, o passado. Partindo do presente, já conhecido, descobrem-se as ocultas estratificações do passado, e essa descoberta é libertadora e criadora.

Demanda a autocompreensão o estudo objectivo, complacente e desapaixonado do nosso próprio ser em seu conjunto: corpo, sentimentos e pensamentos. Eles não se separam, antes se

interralacionam. Só compreendendo o nosso ser como um todo, é que poderemos ir além e realizar descobertas ainda mais grandiosas, mais vastas. Sem esta compreensão primária, sem estabelecer o exacto e necessário fundamento do correcto pensar, é impossível elevar-nos a maiores culminâncias.

Habilitar-nos a descobrir o que é verdadeiro se torna, pois, de todo relevante, porque aquilo que se descobre é libertador e criador: é em si mesmo verdadeiro. Ou melhor: se apenas nos ajustarmos a um padrão do que devíamos ser ou cedermos às solicitações do desejo, isso acarretará resultados contraditórios, perturbadores; já no processo do estudo de nós mesmos empreendemos uma jornada de auto-revelação, propiciadora de alegria.

Há uma segurança no pensamento-sentimento negativo, que não existe no positivo. Formamos, de maneira positiva, um conceito sobre o que nós somos, ou cultivamos, de modo positivo, as nossas ideias consoantes as fórmulas próprias ou alheias. Daí dependermos de autoridade, das circunstâncias, esperando com isso estabelecer uma série de ideias e acções positivas. No entanto, com o devido exame, podereis verificar que existe conformidade na negação; existe segurança no pensamento negativo — a forma suprema do pensar. Descobrindo a verdadeira negação, e conformidade

na negação, estareis aptos a prosseguir construindo no positivo.

Dificílimo é o conhecimento de nós mesmos, porque tanto o começo como o final estão em nós. Buscar a felicidade, o amor, a esperança, fora de nós, é caminhar para a ilusão. Não encontraremos a felicidade, a paz, a satisfação interior, sem o conhecimento de nós próprios. Escravos como somos das solicitações e exigências mundanas, por elas nos deixamos arrastar e nelas dissipamos as nossas energias, tendo assim pouco tempo para estudar-nos. Para nos inteirarmos profundamente dos nossos motivos, dos nossos desejos de atingir, de vir a ser alguma coisa, é mister contínua percepção interior. A não nos compreendermos, expedientes superficiais de reformas económicas e sociais, conquanto necessárias e benéficas, não trarão paz ao mundo, mas apenas maior caos e miséria.

Na suposição de muitos, a reforma económica, desta ou daquela espécie, proporcionaria paz universal, e a reforma social ou uma religião determinada, suplantando as outras, tornaria o homem feliz.

Creio existirem neste país oitocentas, ou mais, seitas religiosas a competirem para arregimentar prosélitos. Suponde vós que religiões competidoras propiciem paz, união e ventura à humanidade? Concebeis que uma religião, seja

ela o Induísmo, o Budismo ou o Cristianismo, suscite a paz? Ou devemos pôr de lado todas as religiões e descobrir a realidade por nós próprios? Ao vermos o mundo destruído por bombas e ao sentirmos os horrores que nele se passam; ao vermos o mundo dividido pelas religiões, nacionalidades, raças e ideologias, que devemos fazer diante de tudo isso? Não podemos cingir-nos a continuar vivendo e morrendo, na esperança de que algum bem surja desse estado de coisas; não podemos passar a outrem a tarefa de trazer paz e ventura à humanidade, porque a humanidade somos nós, cada um de nós.

Onde está, pois, a solução senão em nós próprios? Para se descobrir a verdadeira solução, há mister de profundo pensamento-sentimento e poucos dentre nós se acham dispostos a resolver tal miséria. Se cada um considerar esse problema como do próprio íntimo, em vez de se deixar levar, sem resistência, por esse caos e miséria aterradores, a solução simples e directa será encontrada.

Estudando-nos e conhecendo-nos, a lucidez e a ordem despontarão. E só poderá haver elucidação com a autognosia, (1) nutridora do pensar correcto. Este precede a acção correcta. Se

---

(1) Conhecimento de si próprio.

nos tornarmos conscientes, cultivando assim o conhecimento de nós mesmos, e, por conseguinte, o correcto pensar, criaremos então, em nós, um espelho que reflectirá, sem deformação, todos os nossos pensamentos-sentimentos. A percepção de nós mesmos é extremamente difícil, pois a mente está afeita a vagar, a manter-se distraída. Suas divagações e distrações dimanam de seus próprios interesses e criações. Compreendendo estes, em lugar de os afastar simplesmente, alcançaremos a ciência de nós próprios e o correcto pensar. É ùnicamente pela inclusão, e não pela exclusão, nem com o aprovar, condenar ou comparar, que surge o entendimento.

Pergunta: Quais os meus direitos em minhas relações com o mundo?

Krishnamurti: Eis uma pergunta interessante e instrutiva. O interrogante parece colocar-se em oposição ao mundo e pergunta a si mesmo quais seus direitos nas relações com o mundo. Está o interrogante separado do mundo? Não é ele parte do mundo? Tem ele algum direito à parte do todo? Poderá, colocando-se à parte, compreender o mundo? Dando importância e fortalecendo a parte, compreenderá o todo? A parte não é o todo, mas, para entender o todo, a parte não deve co-

locar-se em oposição a ele. Compreendendo-se a parte, o todo é compreendido. Quando o indivíduo se acha em oposição ao mundo, reclama então seus direitos; mas porque deveria ele colocar-se em oposição ao mundo? A atitude de oposição, do "eu" e do "não-eu", impede a compreensão. Não é o interrogante parte do todo? Seus problemas não são também os problemas do mundo? Seus conflitos, confusões e misérias não são os mesmos de seu vizinho, próximo ou distante? Ao tornar-se cônscio de si mesmo, verificará que é parte do todo. É ele o resultado do passado com seus temores, esperanças, cobiças, aspirações e tudo o mais. Terá, assim, algum direito sendo invejoso, cúpido, cruel? Só quando não se considerar como um indivíduo, mas como resultado e parte do todo, é que conhecerá a liberdade em que não existe oposição, dualidade. Enquanto, porém, pertencer ao mundo com sua ignorância, crueldade, sensualidade, não poderá ter relações fora dele.

De modo algum deveríamos empregar a palavra *"indivíduo"*, tão pouco as palavras *"meu"* e *"teu"*, porque, fundamentalmente, nada significam. Sou o resultado de meu pai e minha mãe e da influência ambiente do país e da sociedade. Se me colocar em oposição, não haverá entendimento; a combinação de opostos não gera compreensão. Porém, se me tornar vigilante e observar as expressões da dualidade, começarei

então a sentir um novo estado livre dos opostos. Acha-se o mundo dividido em opostos: o branco e o preto, o bom e o mau, o meu e o vosso, e assim por diante. Não existe compreensão na dualidade, cada antítese contém em si o seu oposto. Nossa dificuldade está em pensar nestes problemas de uma maneira nova, pensar a respeito do mundo e de nós mesmos de um ponto de vista completamente diferente, observando em silêncio, sem identificar ou comparar. Vossas ideias resultam daquilo que outros pensaram em combinação com o presente. A unicidade real consiste e está em descobrir o que é verdadeiro. Esta unicidade, esta alegria e libertação oriundas desse descobrimento não se encontram na vaidade das posses, do nome, das tendências e dos atributos físicos. A verdadeira libertação provém do conhecimento de nós mesmos, originador do pensar correcto. Pelo autoconhecimento se desvenda o verdadeiro, a coisa única que põe termo à nossa ignorância e sofrimento.

Mantendo-nos plenamente conscientes, conhecendo-nos a nós mesmos, encontraremos a paz, e nessa placidez há imortalidade.

Ojai, 14-5-1944.

II

Na última palestra procurei explicar o que é o correcto pensar e como levá-lo a efeito. Acentuei que, não havendo autovigilância, conhecimento próprio de todos os motivos, intenções e instintos, faltará base verdadeira ao pensamento-sentimento, base essa imprescindível ao correcto pensar. No autoconhecimento está o começo da compreensão. Pois assim como somos, tal é o mundo. Isto é, se formos cúpidos, invejosos, competidores, a sociedade será também competidora, invejosa e cúpida, ocasionando miséria e guerra. O Estado é o que somos.

Para estabelecer ordem e paz cumpre começar por nós, e não pela sociedade, nem pelo Estado, porquanto o mundo somos nós. Não há egoísmo em pensar que cada um deve primeiro compreender-se e modificar-se para auxiliar o mundo. Não podeis ajudar a outrem sem antes vos conhecerdes. Estando cônscio de si próprio, descobrirá o indivíduo que em si está o todo.

Se quisermos criar uma sociedade sã e feliz, precisamos principiar por nós, e não por outrem, começar não por algo fora de nós, mas por nós próprios. Em lugar de conferirmos importância a nomes, rótulos e termos, geradores de confusão, deveremos desembaraçar a mente de tudo isso e observar-nos sem paixão. Enquanto não nos compreendermos e não formos além de nós mesmos, o exclusivismo sob todas as formas existirá. Vemos em torno de nós e em nós próprios desejos e acções exclusivistas a redundarem no empobrecimento das relações.

Antes de podermos compreender que espécie de esforço devemos fazer para nos conhecer, necessitamos tornar-nos conscientes da espécie de esforço que fazemos "agora". Não consiste, de fato, o nosso presente empenho na tentativa constante de nos tornarmos alguma coisa, em fugirmos de um oposto para outro? Vivemos em uma série de conflitos de acção e reacção, de querer e não querer. Consumimos o esforço nesse intento simultâneo de vir e de não vir a ser. Permanecemos, assim, num estado dual. Como surge essa dualidade? Se pudermos compreender essa situação, talvez possamos transcendê-la e descobrir um diferente estado de ser. Como surge em nós esse doloroso conflito entre o bem e o mal, a esperança e o medo, o amor e o ódio, o "eu" e o "não-eu"? Não é ele criado pelo desejo de chegar a ser isto ou

aquilo? Êste desejo se expressa na sensualidade, no mundanismo (1) ou na busca de fama pessoal ou de imortalidade. Procurando tornar-nos algo, não criamos o oposto? A não entendermos esse conflito de opostos, todo o esforço importará apenas diferentes e mutáveis condições de aflição. Cumpre, portanto, usar meios próprios para transcender esse conflito. Meios erróneos produzirão resultados erróneos: só os meios justos trarão resultados exactos. Se almejamos a paz, devemos usar meios pacíficos; entretanto, parece que empregamos invariàvelmente métodos erróneos, na esperança de chegar a resultados certos.

Se não entendermos este problema de opostos, com seus conflitos e misérias, improfícuos serão nossos esforços. Permanecendo vigilantes, podemos observar e compreender o desejo de vir a ser, ou seja a causa do conflito; a compreensão, porém, não se dará se houver identificação, se houver aceitação, negação ou comparação. Com serenidade e brandura, compreenderemos profundamente o desejo e assim o transcenderemos. Porque, presa ao desejo, à dualidade, não pode a mente apreender o real. Deve o espírito permanecer sobremaneira tranquilo;

---

(1) Vida mundana; hábito ou sistema dos que só procuram gozos materiais.

porém essa tranquilidade não pode ser induzida, disciplinada, compelida por nenhuma técnica: ela ocorre apenas com a compreensão do conflito. Também não podeis forçar a cessação do conflito; ele não pode ser extinto por um acto de vontade. É possível ocultá-lo, encobri-lo, porém ele surgirá repetidamente. Uma moléstia deve ser curada, mas tratar apenas dos sintomas é de pouca eficácia. Só inteirando-nos da causa do conflito, compreendendo-o e transcendendo-o, poderemos sentir a realidade. Tornar-se consciente é meditar, sentir os opostos plenamente, tanto quanto possível; é fazê-lo de modo amplo e profundo, sem intervir com atitude de aceitação ou negação, i.e., com espírito vigilante e neutro. Nessa larga percepção dareis com uma nova espécie de vontade ou novo sentimento, nova compreensão não originada dos opostos.

Não existe correcto pensar se o pensamento-sentimento está envolvido nos opostos. Tornando-vos cônscios de vossos pensamentos e sentimentos, de vossas acções e reacções, verificareis que eles se acham colhidos no conflito dos opostos. À medida que surgir cada pensamento-sentimento, estudai-o sentindo-o em sua inteira significação, sem com ele vos identificardes. Só ocorre essa ampla percepção quando não o estiverdes negando ou rejeitando, aceitando ou comparando. Por meio dela se desco-

bre um estado de ser livre do conflito de todos os opostos.

Releva descobrir esse entendimento criador, porquanto ele libertará a mente da ansiedade. E é esta ampla percepção, isenta do desejo de vir a ser alguma coisa — com suas esperanças e temores, êxitos e malogros, prazeres e dores circundantes do "eu" — que libertará o pensamento-sentimento da ignorância e da aflição.

P e r g u n t a : Como podemos aprender a verdadeira concentração?

K r i s h n a m u r t i : Abrangendo essa pergunta muitas questões, deveis ser pacientes e atentar bem em toda a resposta. Que é a verdadeira meditação? Não é o começo do autoconhecimento? Poderá haver concentração verdadeira, correcta meditação, sem o conhecimento de nós próprios? A meditação só é possível se começardes por conhecer-vos. Para vos conhecerdes necessitais de uma percepção meditativa, e isso requer uma qualidade peculiar de concentração. Não me refiro à meditação exclusiva, com a qual nos comprazemos quando supomos estar meditando. A correcta meditação é o entendimento de nós mesmos, com todos os problemas individuais de incerteza e luta, miséria e afeição. Presumo que alguns de

vós já meditastes ou tentastes concentrar-vos. Que acontece ao tentarmos concentrar-nos?

Afluem muitos pensamentos, um após outro, aglomerando-se, sem ser solicitados. Procuramos fixar o pensamento num objecto, ideia ou sentimento e tentamos excluir os mais pensamentos e sentimentos. Esse processo de concentração ou convergência é geralmente considerado necessário à meditação. Como esse método exclusivo mantém o choque dos opostos, falhará inevitàvelmente. Poderá surtir efeito momentâneo, mas, enquanto existir dualidade no pensamento-sentimento, a concentração nos conduzirá à estreiteza mental, à obstinação e à ilusão.

O domínio do pensamento não produz o pensar correcto; seu mero controle não é correcta meditação. Evidentemente, precisamos descobrir primeiro porque é que a mente vagueia. Ela divaga ou se torna repetidora ou por interesse, hábito ou indolência, ou ainda porque o pensamento-sentimento não se completou. Se o for por interesse, então não sereis capazes de dominá-lo; embora possais ser bem sucedidos momentâneamente, o pensamento logo retornará ao ponto do próprio interesse e daí as divagações. Deveis, portanto, seguir a pista desse interesse meditando-o e sentindo-o em toda a extensão, completamente, para assim compreender-lhe o conteúdo total, por comum e tolo

que seja. Se o vaguear provém do hábito, não é isso clara indicação de que vossa mente é serva do hábito e de meros padrões de pensamento e que, assim, de modo algum está pensando? Se a mente está presa ao hábito ou à preguiça, revela funcionar de modo maquinal, sem reflexão; e qual o valor do pensamento irreflectido, embora sob perfeito controle? Indica o pensamento repetido que o pensamento-sentimento não se completou e, até fazê-lo, continuará a repetir-se. Ao tornar-vos cônscios de vossos pensamentos-sentimentos, verificareis haver uma perturbação geral, uma inquietação; percebendo-se-lhe as causas, surge o autoconhecimento e o correcto pensar, base da verdadeira meditação. Sem conhecer-nos, sem estarmos plenamente conscientes, não há meditação e, sem esta, não há o conhecimento de nós mesmos.

A verdadeira concentração provém do autoconhecimento. Podeis ter nobres determinações e estar inteiramente absorvidos nelas, mas isso não suscitará compreensão, não conduzirá à descoberta do real. Pode gerar afabilidade ou certas qualidades desejáveis, mas essas determinações nobres apenas fortalecem a ilusão, e a mente que está presa aos opostos não pode compreender o todo. Em vez de desenvolverdes o processo de contração, em que se fixa um só pensamento e se excluem os mais, deixai fluir o vosso pensamento-sentimento compreendendo-

lhe todas as agitações, todos os movimentos. Dessa percepção, como o verificareis, nascerá uma extensa concentração, um meditar que já não será o vir a ser, mas o ser. Requer, porém, muito esforço essa percepção e deve ser mantida o dia todo, e não só durante certo período. Deveis tornar-vos mui diligentes e experimentar; porque isso não se obtém em livros, nem assistindo a conferências ou empregando uma técnica: surge com um estado de plena consciência, com o autoconhecimento. Torna-se assim importantíssimo o significado real da meditação. Deve ser contínuo o processo de autovigilância, e não limitar-se a determinados períodos do dia. De tal vigilância, em que há reflexão, nasce uma profunda tranquilidade e sòmente nela existe o real. Essa placidez espiritual não vem do exclusivismo, da contração, do pôr de lado os pensamentos e sentimentos e concentrar-nos em aquietar a mente. Podeis forçá-la à tranquilidade, porém será a tranquilidade da morte, não criadora, estagnante, e nesse estado não é possível descobrir a realidade.

P e r g u n t a : Como podemos libertar-nos de qualquer problema perturbador?

K r i s h n a m u r t i : Para entendermos qualquer problema, precisamos dispensar-lhe toda a atenção. Tanto o consciente como o in-

consciente ou mente recôndita devem participar de sua solução, mas, por infelicidade, em geral procuramos resolvê-lo superficialmente, isto é, com a pequena parte da mente chamada consciente, com o intelecto apenas. Nossa consciência ou mente-sentimento é como um "iceberg" (1): tem a maior parte oculta nas profundezas do mar e uma pequena fracção flutuante. Conhecemos a camada da superfície, mas esse conhecimento é confuso; da maior parte do inconsciente, ou seja da parte oculta, mal temos percepção. Ou, se a tivermos, ela se torna consciente através de sonhos e pressentimentos ocasionais, mas esses sonhos e insinuações traduzimo-los, interpretamo-los de acordo com os nossos preconceitos e capacidade intelectual limitada. Desse modo, tais pressentimentos perdem seu puro e profundo significado.

Se realmente desejarmos compreender os nossos problemas, devemos primeiro esclarecer a confusão do consciente, da parte superficial da mente, meditando-os e sentindo-os de modo o mais amplo e inteligente possível, i.e., integralmente e sem paixão. Então, nesse esclarecimento consciente, franco e vivo, a mente recôndita pode projetar-se. Quando o conteúdo

---

(1) Massa de gelo flutuante desprendida da banquisa ou de uma geleira polar.

das múltiplas camadas da consciência tiver sido assim apreendido e assimilado, o problema já não existirá.

Exemplifiquemos: Somos quase todos educados por mentalidades nacionalistas; ensinaram-nos a amar o nosso país, colocando-o em oposição a outro qualquer; a considerar o nosso povo superior aos outros, e assim por diante. Essa superioridade ou orgulho é-nos insuflada na mente desde a infância, e nós a aceitamos, vivemos com ela e a justificamos. Com essa fina camada que se denomina mente consciente, tentamos entender o problema e seu significado mais profundo. Aceitamos a ideia primeiramente através das influências ambientes e somos por ela condicionados. Esse espírito nacionalista estimula-nos também a vaidade. A asserção de que somos desta ou daquela raça, deste ou daquele país, alimenta nosso "ego" mesquinho, pequeno e pobre, infla-o como a velas, e nos dispomos a defender, a matar e ser mutilados por causa do nosso país, da nossa raça e ideologia. É que, identificando-nos com aquilo que consideramos de maior grandeza, "nós" esperamos também engrandecer-nos. No entanto, permanecemos pobres, porquanto só o rótulo se ostenta grande e poderoso. Utiliza-se esse espírito nacionalista para fins económicos e emprega-se também, através do ódio e do temor, para unificar um povo e lançá-lo contra outro. Assim,

tornando-nos cônscios desse problema e de tudo que ele implica, perceberemos seus efeitos: guerra, miséria, fome, confusão. Adorando a parte, o que é idolatria, negamos o todo. Essa negação da unidade humana gera guerras e brutalidades infindáveis, divisão económica e social, bem como tirania.

Compreendemos tudo isso intelectualmente, com essa fina camada denominada mente consciente, mas continuamos presos à tradição, à opinião, à conveniência, ao medo, etc. Enquanto as camadas profundas não forem descobertas, compreendidas, não nos livraremos da moléstia do nacionalismo, do patriotismo.

Examinando esse problema, clareamos a camada superficial do consciente, permitindo assim que as camadas mais profundas se manifestem. Essa manifestação se acentua pela constante vigilância, i.e., observando atentamente toda reacção, todos os estimulantes do nacionalismo ou de outro qualquer empecilho. Cada reacção, embora pequena, deve ser meditada, sentida inteiramente, de modo amplo e profundo. Destarte, percebereis logo que o problema foi solucionado e o espírito nacionalista se desfez. Todos os conflitos e misérias podem ser compreendidos e resolvidos desta maneira: clareando a fina camada do consciente com o estudar, sentir o problema em sua inteira significação, e tão completamente quan-

to possível. Nessa clarificação, nessa quietude relativa, os motivos, intenções e temores mais profundos podem projetar-se. À medida que surgirem deveis examiná-los, estudá-los, compreendê-los. E desse modo os empecilhos, o conflito, a aflição serão profunda e totalmente entendidos e dissolvidos.

P e r g u n t a : *Elucidai a ideia de "segurança na negação". Aludistes ao pensamento negativo e positivo. Com isso quereis dizer que, ao sermos positivos, fazemos afirmações sem valor, porque são rígidas e fúteis, ao passo que, sendo negativos, franqueamos o pensamento porque estamos livres de tradições e, assim, aptos a pesquisar o novo? Ou desejais acentuar que devemos ser positivos porque não há hesitar entre o verdadeiro e o falso e que negação significa ajuste?*

K r i s h n a m u r t i : Eu disse que na negação há segurança. Desenvolvamos esta ideia. Fazendo-nos cônscios de nós mesmos, verificamos estarmos em contradição conosco, num estado de querer e não querer, de amar e odiar, e assim por diante. Pensamentos e acções oriundos dessa contradição são considerados positivos. Mas há positividade na contradição do próprio pensamento? Em virtude de nossa educação religiosa, estamos certos de que não deve-

mos matar, mas permitimos e justificamos a matança se assim o exige o Estado; um pensamento nega o outro e, dessa forma, não há pensar absolutamente. No estado de contradição não existe pensamento, há apenas ignorância. Portanto, descubramos se "pensamos" de facto, ou se permanecemos num estado de contradição no qual não existe o pensar.

Examinando-nos intimamente, concluímos que vivemos num estado de contradição. Como pode ser positivo tal estado? Pois aquilo que se contradiz deixa de existir. Não nos conhecendo profundamente, como poderá haver concordância ou discordância, afirmação ou negação? Como pode haver segurança nesse estado contraditório? Como poderemos, assim, presumir que estamos certos ou errados? Não podemos presumir coisa alguma, não é verdade? No entanto, a nossa moral, as nossas acções positivas se baseiam nessa contradição própria e, desta maneira, estamos incessantemente activos, ansiando por paz e, sem embargo, criando guerra, desejando felicidade e, não obstante, causando tristeza, amando e odiando simultâneamente. Se o nosso pensar é contraditório, não tendo portanto existência, então só há um meio de nos abeirarmos do entendimento, que é o estado isento do desejo de vir a ser, estado que pode parecer negativo, mas no qual há as mais altas possibilidades.

A humildade provém da negação e, sem humildade, não há entendimento. Na compreensão negativa começamos a perceber a possibilidade de segurança, de concórdia e, conseguintemente, de relações superiores e de mais elevado pensar. Quando a mente está criadoramente vazia, e não quando se acha dirigindo positivamente, há realidade. As grandes descobertas, todas, nascem dessa vacuidade criadora, que só pode ocorrer ao cessar a contradição própria. Enquanto houver ansiedade, seremos contraditórios. Por isso, em lugar de nos abeirarmos da vida positivamente, como em geral o fazemos, ocasionando tantas misérias, brutalidades e conflitos que tão bem conhecemos, porque não nos abeirarmos dela negativamente, o que não é realmente negação?

Ao empregar os termos "positivo" e "negativo", não o faço opondo um ao outro. Principiando a entender aquilo que chamamos o positivo, produto da ignorância, veremos surgir daí uma segurança na negação. Procurando-se compreender a natureza sempre contraditória da individualidade, do "eu" e d"o meu", com seus desejos e renúncias positivas, sua persecução e morte, nasce a vacuidade tranquila, criadora. Ela não é o resultado de acção positiva ou negativa, mas, sim, um estado isento de dualidade. Só quando a mente-coração está tranquila, criadoramente vazia, é que há realidade.

P e r g u n t a : Dissestes que responder à cólera com cólera é tornar-se também a cólera. Vale isso por afirmar que, ao lutarmos contra a crueldade com as armas da crueldade, tornamo-nos, por igual, inimigo; entretanto, se não nos protegermos, o malfeitor nos abaterá.

K r i s h n a m u r t i : Passareis a ser, por certo, aquilo que combateis. Se eu estiver encolerizado e reagirdes com ira, o resultado é mais ira. Haveis-vos transformado, assim, naquilo que sou. Se eu for mau e me combaterdes com maldade, tornar-vos-eis igualmente maus, por mui justos que vos julgardes. Se eu for brutal e empregardes métodos rudes para sobrepujar-me, então vos fareis brutais como eu. É isto o que temos feito há milênios. Não existirá porventura um meio diferente de tratarmos do problema, isto é, o de não opor ódio ao ódio? Empregando processos violentos para aplacar a ira em mim próprio, estarei usando de meios errôneos para um justo propósito e, assim, o propósito justo deixa de existir. Em tal proceder não há entendimento; dessa forma não transcenderemos a ira. Deve a cólera ser tolerantemente estudada e compreendida, e não dominada por meios violentos. Pode resultar de muitas causas e, sem compreendê-las, não há fugir-lhe.

Criamos nós o inimigo, o malfeitor e, tornando-nos também inimigo, de modo algum po-

remos fim à inimizade. Temos de entender a causa da inimizade e deixar de alimentá-la com o nosso pensamento, sentimento e acção. Responsáveis que somos pela criação do inimigo, mais releva tornar-nos cônscios do nosso pensamento e acção, do que nos ocuparmos com o inimigo ou amigo, porquanto o pensar com acerto põe termo à divisão. O amor transcende o amigo e o inimigo.

Ojai, 25-5-1944.

III

Na primeira palestra procurei explicar que o correcto pensar só pode advir com o autoconhecimento. Sem um pensar exacto, não podeis saber o que é verdadeiro. Sem conhecerdes a vós mesmos, vossas relações, vossas acções, vossa existência cotidiana carecem de base verdadeira. Nossa existência é um estado de oposição e contradição, e qualquer pensamento e acção daí resultantes jamais serão verdadeiros. E, antes de podermos compreender o mundo, nosso comportamento e nossas relações com outros, cumpre conhecer a nós mesmos. Colocando-se em oposição à massa, age o indivíduo com ignorância, com temor, porquanto ele é o resultado da massa, o resultado do passado. Não nos podemos separar ou colocar em oposição a uma coisa, se a desejamos compreender.

Na segunda palestra tocamos ligeiramente a questão de colocar-se o pensamento em oposição, criando assim dualidade. Devemos compreender isso antes de nos ocuparmos de nosso

pensamento e actividade de cada dia. Se não compreendermos o que é que gera esse dualismo, essa oposição instintiva, tal como a vossa e a minha, não compreenderemos a significação do conflito que sentimos em nós. Estamos cônscios, em nossa vida, do dualismo e seu conflito constante: desejar e não desejar, céu e inferno, Estado e cidadão, luz e treva. Não surgirá o dualismo do próprio desejo? A vontade de vir a ser, de ser, não encerra também a vontade de não vir a ser? No desejo positivo existe também negação e, assim, o pensamento-sentimento se vê envolvido no conflito dos opostos. Através dos opostos não há fugir ao conflito, à aflição.

A não compreendermos a dualidade, o desejo de vir a ser é uma luta vã; o conflito dos opostos desaparece ao encontrarmo-nos em condições de solver o problema do desejo.

O desejo é a raiz de toda a ignorância, toda a aflição, e não é possível libertarmo-nos da ignorância e da aflição, a não ser com o abandono do desejo. Não o podemos afastar com a simples vontade, porque a vontade é parte do desejo; não o podemos afastar com a negação, porque esta é o resultado dos opostos. Só é possível dissolver o desejo com a percepção de suas múltiplas formas e expressões. Mediante observação e compreensão tolerantes, poderemos transcendê-lo. Na chama da compreensão

consome-se o desejo. Examinemos o desejo de nos tornarmos virtuosos. Há virtude se há também consciência do vício? Podemos tornar-nos virtuosos com o colocar-nos em oposição ao vício, ou é a virtude um estado independente dos opostos? A virtude só pode vir à existência com a libertação dos opostos. A generosidade, a bondade, o amor, são opostos à cupidez, à inveja, ao ódio, ou é o amor algo que se encontra além e acima de todas as contradições? Haverá paz se vos colocardes em oposição à violência? Ou é a paz algo que está além, transcendendo ambos os opostos? Não é a verdadeira virtude uma negação do vir a ser? A virtude é a libertação do desejo.

Devemos tornar-nos cônscios desse complexo problema da dualidade mediante uma contínua vigilância, não para corrigir, mas para compreender; porque, se não soubermos cultivar o correcto pensar, origem do esforço verdadeiro, estaremos sempre a desenvolver opostos com seus conflitos infindáveis.

Provém o pensar exacto do conflito dos opostos, ou surge quando a causa dos opostos — o desejo — é compreendida mediante um pensar e sentir completo? Só podemos libertar-nos dos opostos se o pensamento-sentimento for capaz de observar sem aceitar, sem recusar ou comparar suas acções e reacções. Dessa percepção surge um novo sentimento, nova compreensão

livre dos opostos. Preso à dualidade, o pensamento-sentimento não pode compreender o infinito. Assim, desde o começo do nosso pensar, devemos estabelecer as bases para o verdadeiro esforço, porque meios justos conduzem a fins justos, assim como meios erróneos produzirão fins erróneos. Meios erróneos não nos levarão, em tempo algum, a fins exactos, pois só nos meios justos estão os fins justos.

Pergunta: Acho extremamente difícil compreender-me. Como começá-lo?

Krishnamurti: Não é de grande relevância compreender cada um a si próprio antes de tudo o mais? Porque, se não compreendermos a nós mesmos, nada mais seremos capazes de compreender, já que a raiz da compreensão está em nós. Compreendendo a mim mesmo, compreenderei minhas relações com os outros, com o mundo, pois em mim, assim como em cada indivíduo, está o todo; eu sou o resultado do todo, do passado. Esse empenho de cada um compreender-se poderá, à primeira vista, parecer egocêntrico, egoístico, mas, considerando bem, veremos que assim como somos, tal é o mundo, o Estado, a sociedade; e para operar uma vital transformação no mundo circundante, coisa essencial, deve cada um começar por si. Da compreensão e consequente transfor-

mação de si próprio resultará inevitàvelmente a necessária e vital transformação do Estado e do ambiente. O reconhecimento e a compreensão desse facto produzirá uma revolução nesse todo indiviso que é o nosso pensar e sentir. O mundo é a projeção de vós mesmos; vosso problema é o problema do mundo. Sem vós, não existe mundo; o que sois, tal é o mundo. Se sois invejosos, cúpidos, hostis, competidores, brutais, exclusivistas, tal é a sociedade, assim é o Estado.

O estudo de vós mesmos é extremamente difícil porque sois sobremodo complexos. Necessitais de paciência imensurável, não de disposição letárgica a tudo aceitar, mas da capacidade de permanecer vigilantes, passivos, na observação e no estudo. Dificílimo é objectivar e estudar o que vós sois subjectivamente, ìntimamente. Achamo-nos os mais dos homens num torvelinho de actividade, internamente confusos e erradios, solicitados por desejos contraditórios, negando e afirmando ao mesmo tempo. Como pode ser estudada e compreendida máquina tão extraordinàriamente complexa? A máquina que se movimenta mui ràpidamente, que gira com espantosa velocidade, não pode ser estudada com minúcia. Só retardando-lhe a marcha, poderemos começar a estudá-la. Tornando mais lento o vosso pensar-sentir, podeis observá-lo, assim como nas fotografias de movimen-

to lento podemos estudar os movimentos de um cavalo que corre ou salta um obstáculo. Se detiverdes a máquina, não a podereis compreender, porque será então matéria morta; se ela se mover com rapidez excessiva, não a podereis acompanhar. Para examiná-la minuciosamente, para compreendê-la a fundo, é preciso que ela se mova com lentidão, que gire suavemente. É assim que a mente deve funcionar para poder acompanhar cada um dos movimentos do pensamento-sentimento. Para ela observar-se a si própria, sem atrito, é necessário ir mais devagar. Se tentarmos apenas controlar o pensamento-sentimento, aplicar-lhe um freio, desperdiçaremos a energia de que necessitamos para compreendê-lo; nesse caso, o pensamento-sentimento torna-se mais interessado em controlar, dominar, do que em pensar e sentir plenamente e compreender cada pensamento-sentimento. Já tentastes pensar e sentir, em toda a extensão, cada um de vossos pensamentos-sentimentos? Quanto é difícil isto! Porque a mente vagueia sem cessar; um pensamento nunca prossegue até o fim, um sentimento nunca se conclui. A mente esvoaça de um assunto para outro, qual escravo impelido para aqui e para ali. A não se mover mais lentamente, não poderemos descobrir o conteúdo, o significado íntimo dos pensamentos-sentimentos que nela se manifestam. Controlar as suas divagações é estreitá-la,

amesquinhá-la, é aplicar o pensamento-sentimento a refrear, restringir, quando o seu papel deve ser o de estudar, examinar e compreender. A mente tem de diminuir a sua celeridade, mas como pode ser feito isso? Se ela se impõe lentidão, resulta daí oposição geradora de novos atritos e complicações. A compulsão, de qualquer espécie que seja, lhe anulará todo o esforço. Estar consciente de cada pensamento-sentimento é extremamente árduo e difícil; reconhecer o que é fútil e abandoná-lo, perceber o que é significativo e segui-lo, penetrante e profundamente, requer muito esforço e concentração em extensa escala.

Desejo aconselhar um método, mas não o convertais em sistema duro e rigoroso, em técnica tirânica ou meio único, em tediosa rotina ou obrigação. Sabemos como se faz um diário, anotando, cada noite, todas as ocorrências do dia. Não sugiro se mantenha um diário retrospectivo, mas, sim, que se tente anotar, nos momentos livres, todos os pensamentos-sentimentos. Se o fizerdes, vereis como até isto é sobremaneira difícil. Ao escreverdes, podeis registrar sòmente um ou dois pensamentos, porquanto os pensamentos passam rápidos demais, são desconexos e erráticos. E como não é possível registrar tudo, porque tendes outras ocupações, descobrireis, após algum tempo, que outra camada de vossa consciência se ocupa em anotar.

Quando de novo tiverdes vagar para escrever, todos aqueles pensamentos-sentimentos a que não tínheis dado atenção serão "lembrados". E, assim, no fim do dia tereis registrado o maior número possível de pensamentos e sentimentos. Naturalmente, só os que têm verdadeiro empenho farão isso. Ao fim do dia, verificai o que escrevestes no seu decurso. Esse estudo é uma arte, pois dele procede a compreensão. O importante é a maneira como estudais o que escrevestes, e não o simples acto de registrar. Se assumirdes atitude diante do que tiverdes escrito, não o compreendereis. Isto é, se aceitardes ou recusardes, julgardes ou comparardes, não apreendereis a significação de todas as notas, porque, identificando o pensamento-sentimento, impedimos-lhe o desabrochar. Mas, se o examinardes suspendendo o julgamento, revelar-se-á o seu conteúdo. Examinar com espírito vigilante e neutro, sem temor ou preferência, é sobremaneira difícil. Aprendeis assim a tornar mais lentos os vossos pensamentos e sentimentos, e ao mesmo tempo, o que é de enorme importância, aprendeis a observar com tolerante serenidade todos os pensamentos-sentimentos, sem a interferência do julgamento ou da crítica mal orientada. Daí procede a compreensão profunda — cultivada não só na vigília, mas ainda no sono — e também a franqueza e a sinceridade.

Podereis, então, seguir cada movimento do pensamento-sentimento. Porque este implica não sòmente a compreensão da camada superficial, senão das múltiplas camadas ocultas da consciência. Deste modo, pela constante vigilância de si próprio, chega o indivíduo a um conhecimento mais profundo e mais amplo de si. O autoconhecimento é um livro de muitos volumes; no seu começo está o seu final. Não podemos saltar, àvidamente, um parágrafo ou uma página, para mais ràpidamente alcançar-lhe o fim. Porque a sabedoria não se compra com a moeda da sofreguidão e da impaciência. Ela nos virá se lermos com diligência, no livro do conhecimento próprio, o que somos momento por momento, e não o que somos em dado momento. Importa isso, indubitàvelmente, trabalho incessante, vigilância não apenas passiva, mas sempre indagadora, sem o anseio de chegar ao fim. Essa passividade é, em si, activa. Com a tranquilidade, vem a suprema sabedoria e bem-aventurança.

P e r g u n t a : Sinto-me muito deprimido. Como me livrarei desse estado?

K r i s h n a m u r t i : Não é natural estarmos deprimidos na época presente, tão cheia de mortandade, confusão e sofrimento? Ora, aprendemos alguma coisa ao nos sentirmos ani-

mados ou deprimidos, ao nos acharmos nas alturas ou nas sombras, nos vales? Vivemos em ondulações, em altos e baixos, em grandes alturas e em grandes profundidades. Nas alturas, ficamos tão extasiados, tão alegres e felizes com a sensação de plenitude, que as profundidades e as sombras são olvidadas. A alegria não é um problema, a felicidade não busca solução, nesse preenchimento não lutamos para compreender. Ele é. Mas, como tal estado não perdura, passamos a tactear em sua busca, recordando-nos do bem fruído, tentando retê-lo, fazendo comparações. Sòmente quando estamos nas profundidades, no vale, surge em nós o conflito, a inquietação, o sofrimento. Deles então queremos evadir, ansiando por chegar novamente às alturas. Porém, mediante o querer não é possível alcançá-las, porque a alegria ocorre espontâneamente. Não é a felicidade um fim em si própria, mas um incidente no curso de uma compreensão mais ampla e profunda.

Se procurarmos compreender o conflito e a dor, começaremos a entender-nos em relação a essa luta e sofrimento: veremos como os enfrentamos ou evitamos, como os condenamos ou justificamos, como os racionalizamos ou comparamos. Por esse processo chegaremos a conhecer-nos, a verificar nossos erros, fugas e pretextos. Podemos fugir à depressão, mas ela nos invadirá repetidamente. Porém, se tentarmos com-

preendê-la — e para isso devemos observar todas as reacções a ela concernentes — e como procuramos fugir-lhe e remediá-la com substituições, descobrimos que o próprio desejo de dominá-la demonstra não haver sido compreendida. Inteirando-nos das causas e do significado da depressão, suscitaremos um entendimento mais amplo e penetrante, no qual não há lugar para a depressão, para a comiseração de nós mesmos, para o temor.

P e r g u n t a : Falastes acerca do Estado. Explicai, por favor, mais alguma coisa a seu respeito.

K r i s h n a m u r t i : Conforme forles tal será vosso Estado. Se fordes invejosos e apaixonados, se visardes ao poder e aos bens materiais, criareis o Estado, o governo de igual carácter. Ambicionando poder e domínio, como o faz a maioria, na família, na cidade ou nas agremiações, criareis um governo opressor e impiedoso. A serdes competidores, mundanos, formareis uma sociedade organizada pela violência, cujos valores concernirão aos sentidos, sociedade que caminhará para a guerra, para o infortúnio e a tirania. Concorrestes para a construção de uma sociedade, um Estado, acorde com os vossos desejos, e ele agora arrasta-vos consigo, tornando-se uma entidade independen-

te, dominadora, imperiosa. Fomos nós, vós e eu que a criamos com nossa malevolência, avidez e mundanismo. Conforme sois, assim é o Estado.

A religião organizada, para existir, deve ser, como de feito é, uma sócia do Estado, e por isso perde sua verdadeira finalidade: guiar, ensinar, manter em todas as épocas o que é verdadeiro. Nessa associação, a religião se transforma em outro meio de oprimir e separar. Se vós, os responsáveis pela criação do Estado, não vos compreenderdes, como podereis suscitar a necessária modificação na estrutura do Estado? Jamais realizareis uma alteração profunda e radical do Estado, sem primeiro vos compreenderdes, libertando-vos, assim, da sensualidade, do mundanismo e do desejo de fama. A não vos tornardes religiosos, na acepção fundamental da palavra, não na de membro de uma religião organizada, vosso Estado será irreligioso e, consequentemente, responsável pela guerra e pelo desastre económico, pela fome e pela opressão. Se fordes nacionalistas, separatistas, e alimentardes preconceitos raciais, concorrereis para a formação de um Estado originador de antagonismo, opressão e miséria. Tal Estado jamais será religioso; ele faz-se maléfico com o tornar-se maior e mais poderoso. Estou empregando a palavra religioso, não em sentido especial ou de acordo com qualquer doutrina, credo ou crença, mas na acepção de viver a vida não

sensual, não mundana, sem a busca de fama ou imortalidade pessoal.

Não nos deixemos perturbar por palavras, nomes ou rótulos, geradores só de confusão, tais como Indus, Budistas, Cristãos e Maometanos, ou ainda Americanos, Alemães, Ingleses, Chineses. A religião sobrepõe-se a todos os nomes, credos e doutrinas. É o caminho da realização do supremo, e a virtude não pertence a nenhum país, raça ou a qualquer religião organizada. Cumpre libertar-nos de nomes e rótulos, de sua confusão e antagonismo e tentar descobrir, pela mais elevada moralidade, aquilo que é verdadeiro. Deste modo vos tornareis verdadeiramente religiosos, e assim também será vosso Estado. Sòmente então haverá paz e luz no mundo. Se cada um de nós puder compreender que sòmente existe unidade no correcto pensar, e não nos simples e superficiais artifícios económicos, tornar-nos-emos religiosos, transcendendo o desejo de imortalidade e poder pessoais, de mundanismo e sensualidade, e só assim compreenderemos a profunda sabedoria íntima da paz e do amor.

Pergunta: Estais apenas ensinando uma forma mais subtil de psicologia?

Krishnamurti: Que entendemos por psicologia? Não é o estudo da mente hu-

mana, de nós mesmos? Se não compreendermos a nossa própria constituição, nosso ser psíquico, o nosso pensar e sentir, como poderemos compreender outra coisa qualquer? Como podeis saber se o que pensais é verdadeiro, se vos falece o conhecimento de vós mesmos? A vos não conhecerdes, não conhecereis a realidade. A psicologia não é um fim em si mesma, é antes um começo. No estudo de nós mesmos, estabelecemos a base adequada à estrutura da realidade. Deveis ter a base, mas ela não é um fim em si, não é a estrutura. No entanto, sem uma base verdadeira, haverá ignorância, ilusão e superstição, como se verifica presentemente em toda a parte. Base recta demanda meios rectos. Não podeis alcançar o exacto, o verdadeiro, por meios erróneos. O estudo de nós mesmos é extremamente difícil e, sem o autoconhecimento e o correcto pensar, não é compreensível a realidade. Se não estiverdes inteirados da contradição existente em vós, bem como da confusão e das diferentes camadas de consciência, não podendo assim compreendê-las, sobre que ireis edificar? A não conhecer-vos, aquilo que construís, os vossos princípios, crenças, esperanças, pouco significado terão.

A compreensão de nós próprios exige muito desprendimento e subtileza, muita perseverança e penetração, e nenhum dogmatismo ou asserto, nenhuma negação ou comparação, que condu-

zem ao dualismo e à confusão. Deveis ser o vosso psicólogo, deveis cientificar-vos de vós mesmos, pois de vós vem todo conhecimento e sabedoria. Ninguém pode ser perito em relação a vós. Tendes de descobrir por vós e, assim, libertar-vos; nenhuma outra pessoa poderá auxiliar-vos na libertação da ignorância e do sofrimento. Criais a própria aflição e, desse modo, nenhum salvador existe a não ser vós mesmos.

P e r g u n t a : Das vossas prédicas devo compreender que, com a prática de discernir instantâneamente a causa de cada pensamento, o verdadeiro "eu" começa a revelar-se?

K r i s h n a m u r t i : Se concebermos a existência de um "eu" falso e um "eu" verdadeiro, não compreenderemos a verdade. Deveis ter presente que empreendemos uma viagem de descoberta. Para descobrir alguma cousa, o pensamento-sentimento precisa estar livre de toda hipótese ou crença, por agirem como empecilhos, devendo haver também liberdade, passividade vigilante. De pouco valor é o conhecimento alheio no descobrir da verdade. Esta deve ser encontrada por vós mesmos, pois ninguém vo-la pode dar, ninguém vos pode trazer a sabedoria. Não é a verdade mera recompensa ou o resultado de uma prática, nem pode ser concebida ou formulada. Se a formulardes, não a

encontrareis, pois vossa hipótese a obscurecerá. Permanecendo constantemente vigilantes, descobrireis o que é verdadeiro no "eu". E essa descoberta é o relevante, porque libertará o pensamento da ignorância e da aflição. O que descobrirdes durante essa jornada é o que vos libertará, e não as vossas afirmações acerca do verdadeiro e do falso. Descobrir como o pensamento-sentimento está entrincheirado no credo, na crença; descobrir o significado do choque dos opostos; tornar-se cônscio da luxúria, do mundanismo, do desejo de continuidade pessoal, é libertar-se da ignorância e da aflição. Observando atentamente a nós mesmos, alcançaremos o autoconhecimento e o correcto pensar. Sem conhecer-nos, não pensaremos correctamente.

Pergunta: Quereis dizer que o pensar correcto é um processo contínuo de percepção, enquanto que o pensamento correcto apenas é estático? Por que o pensamento correcto não é correcto pensar?

Krishnamurti: O pensar correcto é um processo contínuo, nascido do descobrimento de nós mesmos, da percepção de nós próprios. Não há começo nem fim nesse processo e, assim, o correcto pensar é eterno. O pensar correcto transcende o tempo; não o limita o passado, não o limita a memória, nem tão pou-

co as fórmulas. Nasce da libertação do temor e da esperança. Sem a qualidade vivente do conhecimento de nós mesmos, não é possível pensar exactamente. Constituindo um constante processo de auto-revelação, o correcto pensar torna-se criador. O pensamento correcto é o pensamento condicionado; é um resultado, um artifício, um composto; geram-no os padrões, a memória, o hábito, a prática. É imitador, cumulativo, tradicional. Forma-se mediante o temor e a esperança, a cupidez e o desejo de vir a ser, a autoridade e a imitação. O pensar e sentir verdadeiros situam-se acima e além dos opostos, ao passo que o pensamento correcto ou condicionado é por eles oprimido. O conflito dos opostos é estático.

O pensar exacto significa como pensar, e não o que pensar. Mas, em geral, exercitaram-nos ou estamo-nos exercitando no que pensar, equivalendo isso a pensar em termos de condicionamento. Nossa civilização baseia-se num molde de pensar introduzido pelas religiões organizadas, pelos partidos políticos, pelas respectivas ideologias, etc. A propaganda não conduz ao pensar verdadeiro; ela vos dita o que pensar.

Cientificando-nos de nós próprios, verificaremos o modelo, a imitação, o hábito e o pensamento condicionado. Essa percepção começa a

libertar o pensamento-sentimento da servidão e da ignorância. Permanecendo sempre vigilantes, conhecendo-nos, passaremos a pensar verdadeiramente, alcançando assim a criadora placidez da realidade. O desejo de segurança suscita o pensamenteo condicionado. Buscar certeza é encontrá-la, mas isso não exprime o real. A suprema sabedoria vem com a criadora tranquilidade da mente e do coração.

Ojai, 28-5-1944.

IV

Nas três últimas palestras procurei explicar que o correcto pensar, oriundo do autoconhecimento, não é adquirível por intermédio de outrem, por sábio que seja, nem mediante livros, e sim pelo descobrimento efectivo de nós mesmos, que é criador e libertador. Tentei explicar também que, constituindo nossa vida uma série de lutas e conflitos, sem compreendermos o significado do esforço verdadeiro, não suscitaremos lucidez e paz, porém mais atrito e padecimentos; e que escolher entre os opostos, sem conhecer a nós mesmos, inevitàvelmente nos levará a mais ignorância e aflição.

Não sei se fui devidamente claro ao explanar o problema do conflito entre os opostos, pois, enquanto não compreendermos profundamente a sua causa e efeito, nenhum esforço, ainda o mais ardoroso e resoluto, nos libertará da confusão e da miséria. Por mais que formulemos ou tentemos compreender aquilo a que chamamos Deus ou Verdade, não perceberemos

o desconhecido se a própria mente não se tornar, por si, tão ampla e imensurável como a coisa que procura sentir e conhecer. Para conhecer o imensurável, o incognoscível, deve a mente ultrapassar e sobreexceder a si própria.

O pensamento-sentimento está limitado por sua própria causa, o desejo de vir a ser, que se aprisiona ao tempo. O desejo, através da memória identificante, cria a individualidade, o "eu" e "o meu". É o actor que assume papéis diferentes segundo as circunstâncias, mas que internamente permanece sempre o mesmo. Enquanto não compreendermos e solvermos o desejo, causa da ignorância e do sofrimento, continuará o conflito da dualidade, e o esforço para dele nos desembaraçarmos fará apenas que no mesmo nos afundemos ainda mais. O desejo se expressa pela sensualidade, pelo apego às cousas materiais, pela busca de imortalidade pessoal e de autoridade, de mistérios e milagres. Enquanto a mente for o instrumento do "eu", do desejo, haverá dualidade e conflito. Nessas condições, ela não poderá perceber o imensurável.

A individualidade, a consciência do "eu" e d"o meu", é produto do desejo, de uma série de pensamentos e sentimentos resultantes do passado, e da influência deste no presente. Somos o resultado do passado; nosso ser nele se alicerça. As múltiplas camadas de nossa consciência, que se inter-relacionam, derivam do passado. Cum-

pre estudá-lo e compreendê-lo através do presente vivo, porque é pelos dados do presente que desvendaremos o passado. Estudando a individualidade e sua causa — o desejo — começaremos a compreender as modalidades da ignorância e da aflição. Repelir o desejo ou meramente opor-se às suas variadas manifestações não equivale a transcendê-lo, senão a prolongá-lo. Reprimir o apego às coisas materiais, mundanas, é ainda ser mundano. (1) Mas, se perceberdes como o desejo se expressa, então a tirania dos opostos — o possuir e o não possuir, o mérito e o demérito — desaparecerá. Se examinarmos a fundo o anseio, meditando sobre ele, tornando-nos cônscios de seu mais íntimo e amplo significado e, deste modo, principiarmos a transcendê-lo, despertaremos uma nova e diferente faculdade, não originada do desejo nem da colisão dos opostos. Com a constante vigilância de nós mesmos, surge uma observação passiva, o estudo do "eu" sem julgamento. Por meio dessa vigilância descobriremos e compreenderemos as múltiplas camadas da própria consciência. Do conhecimento de nós próprios dimana o correcto pensar, o único factor capaz de libertar o pensamento-sentimento do desejo e de suas inúmeras e contraditórias aflições.

---

(1) O que encara o mundo pelo lado material e transitório; dado a gozos materiais.

P e r g u n t a : Conduzirá a compreensão de nós próprios a alguma modificação nos problemas e ideias? Podemos compreender como surge o nacionalismo, i.é., através da educação, da opressão, da vaidade, etc., mas o nacionalista, não obstante esse entendimento, continuará ainda nacionalista. A vontade de alterar o problema, de compreendê-lo, não o dissipará. Assim, qual o próximo passo, após conhecermos as causas do problema, nesse processo de pensamento?

K r i s h n a m u r t i : A nossa identificação com uma raça determinada, com uma nacionalidade ou ideologia dá um sentimento de segurança, de satisfação e de lisonjeiro valor próprio. Essa adoração da parte, em lugar do todo, desperta o antagonismo, o atrito e a confusão. Se meditardes plenamente sobre isso, se o sentirdes com profundeza, clara e inteligentemente, não examinando apenas as ideias, mas as vossas reacções em relação a elas; se compreenderdes, em suma, o que encerra o nacionalismo, a ordem e a lucidez surgirão nessa fina camada de consciência de que nos servimos cotidianamente. O importante é inteirarmo-nos da plena significação do nacionalismo, de como ele divide a humanidade, que é una; como alimenta o antagonismo e a opressão e estimula o sentimento de propriedade e de família; como condi-

ciona o pensar-sentir através das organizações e enseja as barreiras económicas, a pobreza, as guerras, a miséria e tudo o mais.

Compreendendo-se o que está implicado no nacionalismo, surge na mente consciente a ordem e a clareza, e nessa limpidez se manifestam as reacções ocultas e acumuladas. Com o estudo perseverante e inteligente dessas manifestações, toda a consciência se liberta da enfermidade do nacionalismo. Então não vos tornareis internacionalistas, cuja concepção ainda mantém o separatismo e a adoração da parte; o que advém é uma consciência de unidade isenta de nacionalidade, uma libertação dos títulos e nomes, dos preconceitos raciais e de classe.

A todos os nossos problemas é aplicável tal processo, ou seja o de meditar e sentir as questões o mais ampla e livremente possível, propiciando ordem e clareza à mente consciente, a qual, dessa maneira, poderá reagir com entendimento às manifestações dos impulsos e injunções internas, recônditas, solucionando assim o problema. Enquanto as múltiplas camadas da memória não forem pesquisadas, expostas, e suas reacçõs plenamente compreendidas, o problema permanecerá; mas impossível é tal pesquisa, tal inquirição, se a mente consciente não se esclareceu sobre o problema. O difícil e imprescindível é não nos identificarmos com o problema, porque a identificação impede o flu-

xo do pensamento-sentimento e significa aprovação ou recusa, julgamento ou comparação, que deturpam o entendimento. Libertar o pensamento-sentimento de qualquer problema, de qualquer empecilho, não é obra de momento, visto que a libertação requer vigilância interna e externa, esta pronta a receber as reacções interiores daquela. Essa contínua vigilância nos faculta um conhecimento mais amplo e profundo. Conhecendo a nós mesmos, passaremos a pensar correctamente, bem como a compreender e solucionar os problemas e limitações.

Pergunta: Sou uma pessoa de muita actividade física. Aproxima-se o tempo em que o não serei. Em que ocuparei, então, o meu tempo?

Krishnamurti: Em geral, estamos escravizados aos valores relativos aos sentidos e o mundo em redor de nós está organizado para aumentá-los e mantê-los. E como tais valores cada vez mais nos subjugam, envelhecemos sem reflexão, extenuados pela actividade externa, mas inactivos e pobres interiormente. Cedo, porém, as actividades exteriores, ruidosas, chegam a um fim inevitável e então tornamo-nos conscientes da solidão, da pobreza do ser. Para não enfrentar essa dor e o medo consequente, persistem alguns em incessante actividade social,

na religião que professam, na política e no mundo dos negócios, dando justificações para tal proceder. Aos que não podem continuar nas actividades externas surge a pergunta: "Que fazer na velhice?" Não podem desde logo tornar-se activos interiormente, ignoram o significado de tal coisa, pois sempre viveram de maneira contrária. Como então despertarão interiormente?

Procederíamos sàbiamente se depois de certa idade — digamos quarenta ou quarenta e cinco anos, i.e., antes de sermos demasiado idosos — nos isolássemos da sociedade. Que aconteceria se vos retirásseis para a solidão, não para gozar os bens materiais acumulados, mas para descobrirdes a vós mesmos, para pensar e sentir profundamente, para meditar e descobrir a realidade? Talvez pudésseis salvar a humanidade do caminho sensitivo (1) e mundano que está trilhando, com toda sua brutalidade, decepção e dor. Poderia haver, assim, um grupo de pessoas dissociadas do mundanismo, de suas práticas e de tudo que com ele se relaciona e, portanto, capazes de orientar e ensinar a humanidade. Uma vez libertos do mundanismo, careceriam de autoridade e de importância social, e assim não seriam arrastados para sua insen-

---

(1) Relativo aos sentidos; que produz sensação.

satez e calamidade. Porque o homem não liberto da autoridade, das posições, não está apto a guiar, a ensinar a outrem. Tendo autoridade, identificar-se-á com sua posição, com sua importância e com seu trabalho e, conseguintemente, se escravizará. Para compreender como é livre a verdade, deve haver liberdade de conhecer o real. Se tal grupo de pessoas vier a existir, criar-se-á um novo mundo, uma nova cultura.

É uma tristeza sentirmos, ao aproximar-nos da velhice, o vazio de nossa vida. Isso, contudo, revela que começamos a despertar. Visitou-me há pouco um casal já idoso. Ambos trabalhavam numa fábrica e percebiam bom ordenado. No decorrer da conversa surgiu naturalmente a sugestão de que se afastassem do labor, em virtude da idade, a fim de, em retiro apropriado, poderem pensar e viver de novo. Olharam-me surpresos, e disseram: Pensar sobre quê?

Podeis rir, mas provàvelmente o comum dos homens se acham nessa situação. Para a maioria de nós, o pensar e investigar se processa ao longo de um sulco de determinado dogma ou credo, e seguir esse sulco é considerado proceder religioso e inteligente. No entanto, o pensar correcto só desponta com o conhecimento de nós mesmos, e não com o de ideias e factos, que não passam de uma extensão da ignorância. Mas se vós, anciãos ou jovens, principiardes a

compreender-vos, descobrireis grandes e indestrutíveis tesouros. Para tal descobrimento, porém, é indispensável contínua percepção, ajuste e aplicação. Percebendo o significado de "cada" pensamento-sentimento, ser-nos-á revelada a riqueza da vida.

P e r g u n t a : *Como compreender verdadeiramente a nós próprios, a nossa infinita riqueza, sem desenvolver primeiro uma percepção total e completa; de outra forma, com a nossa relativa faculdade de pensar, alcançaremos apenas uma compreensão parcial desse fluxo infinito da causa original, em cuja ordem nos movemos e temos um ser consciente.*

K r i s h n a m u r t i : Como podeis compreender o todo com o adorar a parte! Sendo mesquinhos, parciais, limitados, como podeis entender o ilimitado, o infinito? A pequenez não pode alcançar a grandeza, mas é extinguível. Percebendo o que conduz à limitação, à parcialidade, e ultrapassando-o, far-nos-emos aptos a compreender o todo, o ilimitado. Compreenderemos o desconhecido partindo do conhecido, mas especular sobre o incognoscível é simplesmente negar o limitado, o trivial. Consequentemente, toda e qualquer especulação impede o entendimento da realidade.

Começai a compreender-vos e deste modo descobrireis riquezas imensuráveis. Principiai pelo conhecido, pelo trivial, por que é limitado e confuso; pela pequenez, que tem a envolvê-la o temor, a crença, a luxúria, a malevolência. A mesquinhez e parcialidade são devidas à ignorância. Com tal limitação, como pode a mente compreender o todo? É impossível. Se o pensamento-sentimento se libertar do desejo e, portanto, da ignorância e da aflição, então haverá a possibilidade de compreender o todo. Como perceber aquilo que não tem causa, quando o nosso pensamento-sentimento é um resultado e está condicionado ao tempo? Isto se afigura tão evidente que não requer ampla explicação; mas, ainda assim, muitos se acham iludidos com que primeiramente necessitamos de ter a visão, a percepção do todo, uma hipótese concreta como ponto de partida, a fim de após compreender a parte. Para ter uma percepção daquela plenitude, para alcançar aquela realidade infinita, deve a mente restrita e limitada romper as barreiras que a circunscrevem. De um estreito orifício não poderemos divisar a vastidão dos céus. Tentamos perceber o infinito através da pequena fresta do nosso pensamento-sentimento e, por conseguinte, o que vemos deve inevitàvelmente ser pequeno, parcial, incompleto. Afirmamos desejar compreender o todo; no entanto, apegamo-nos às coisas mes-

quinhas, ao "eu" e a "o meu". Com a autovigilância, origem da autognose, (1) fomenta-se o pensar correcto, e sòmente este nos libertará da trivialidade e do sofrimento. Quando a mente deixa de tagarelar, de ter um papel qualquer; quando ela não se mostra ansiosa por adquirir ou em processo de vir a ser; quando está perfeitamente serena, nessa vacuidade está o todo, o incriado.

P e r g u n t a : Acreditais haver o mal no mundo?

K r i s h n a m u r t i : Porque me fazeis tal pergunta? Não estais consciente dele? Não são evidentes suas consequências, não é confrangedor o sofrimento que ele acarreta? Quem o criou senão cada um de nós? Quem é por ele responsável senão cada um de nós? Assim como criamos o bem, assim também criamos o mal, este, porém, em grande escala. O bem e o mal fazem parte de nós e de nós igualmente independem. Ao pensar e sentir com mesquinhez e inveja, cobiça e ódio, aumentamos o mal já existente, que então se volta contra nós e nos fere. O problema do bem e do mal, esse contraditório problema, acompanha-nos sem-

---

(1) Conhecimento de si próprio.

pre, porque sempre o estamos criando. Tornou-se ele parte de nós, manifestando-se através do querer e não querer, do amar e odiar, do desejar e renunciar. Estamos continuamente a criar essa dualidade, da qual é presa o pensamento-sentimento. Este só pode transcender o bem e seu oposto quando compreender-lhe a causa fundamental — o desejo. Compreendendo o mérito e o demérito, libertar-nos-emos de ambos. Os opostos não se podem fundir; eles devem ser ultrapassados pela dissolução do desejo. É preciso meditar e sentir plenamente cada um dos opostos, e tão ampla e profundamente quanto possível, através de todas as camadas da consciência, porquanto será assim que despertaremos uma nova compreensão não resultante do anseio ou do tempo.

O mal que há no mundo, assim como o bem nele existente, é fruto de nossa contribuição. O homem parece unir-se mais ao ódio do que ao bem. A sabedoria está no perceber a causa do mal e do bem, pois, compreendendo-a, desembaraçaremos dela o pensar e o sentir.

P e r g u n t a : *De uma de vossas palestras compreendi que, do tempo dedicado ao trabalho, à família e às actividades, devíamos reservar algum para estudar-nos. Isso parece estar em contradição com a vossa declaração anterior, segundo a qual podemos estar vigilantes em todas as ocupações.*

K r i s h n a m u r t i : Principiais, certamente, por estar vigilantes em tudo o que fazeis. Mas que vos acontece nesse estado de completa consciência? Se buscardes essa vigilância, cada vez mais chegareis a vos sentir sós, mas não insulados. Coisa nenhuma se acha isolada: ser é estar em relação, quer estejamos sós, quer em companhia de outros. Ao começardes a ficar ìntimamente alerta em tudo o que fazeis, iniciais o estudo de vós mesmos, adquirindo uma consciência cada vez mais clara de vossos pensamentos e sentimentos, de vossos móveis, temores e tudo o mais. Quanto maior a vigilância sobre vós mesmos, tanto mais recolhidos em vós próprios vos tornais; fazei-vos mais silenciosos, mais intensos na percepção. Estamos excessivamente ocupados com a família, o trabalho, os amigos e deveres sociais, e interiormente pouco vigilantes; a morte e a velhice vêm chegando, lentamente, e a nossa vida é vazia. Se vos mantiverdes conscientes em vossas relações e actividades diárias, principiareis a desembaraçar o pensamento-sentimento da causa da ignorância e da aflição. Ao tornar-nos cônscios das acções e reacções, não só das interiores, senão também das superficiais, cessarão naturalmente todas as aflições, e uma vida simples inevitàvelmente despontará.

P e r g u n t a : Julgais que algum dia ainda tornareis aos Mestres?

K r i s h n a m u r t i : O interrogante, porque acredita e tem fé nos Mestres, deseja trazer-me à proteção deles. Talvez pense que, tendo eu aceitado uma vez sua crença, a ela retorne.

Examinemos a crença nos mestres inteligentemente, sem com ela nos identificarmos. Para alguns será isso difícil, pois tal crença os absorve sobremodo; mas tentemos pensar e sentir a seu respeito o mais franca e livremente possível. Por que necessitais de Mestres, esses supostos seres vivos com os quais não estais em contacto directo? Direis, provàvelmente, servirem eles como guias do caminho da realidade. Se eles são guias apenas, porque parais diante dos mesmos e os adorais? Por que os aceitais e também aos mediadores, aos porta-vozes, às autoridades intermediárias? Por que formais organizações e grupos ao redor deles? Se buscais a verdade, por que vos preocupais com eles? Qual o sentido das organizações exclusivistas, dos conclaves secretos? Não sucederá assim por ser mais fácil e agradável o protelar, o adorá-los num altar qualquer, reconfortar-se com isso, do que realizar a longa jornada da pesquisa e da descoberta? Ninguém vos pode conduzir à verdade, nem os Mestres, nem os

deuses, nem os seus porta-vozes: vós sòzinhos tendes de labutar, perscrutar, descobrir.

Um instrutor com quem estamos em contacto directo tem um significado, embora apresente perigos; mas estarmos supostamente em contacto com aqueles a quem não estamos ligados directamente ou a quem nos ligamos por intermédio de supostos representantes ou porta-vozes, é abrir as portas à superstição, à opressão e outros empecilhos graves. Adorar a autoridade é a própria negação da verdade. A autoridade nos cega e destrói o florescimento da inteligência; com ela a arrogância e a estupidez avultam, cresce e multiplica-se a intolerância e a separação.

Que vos poderão dizer de fundamental os Mestres? Que vos conheçais, que cesseis de odiar, que sejais compassivos, que busqueis a realidade. Outro qualquer ensinamento seria de pouco valor. Nenhum vos poderia oferecer uma técnica, uma fórmula para vos conhecerdes. Se possuísseis uma e a seguísseis, não vos conheceríeis: conheceríeis o resultado de uma fórmula, mas não "a vós próprios". Para vos conhecerdes, devereis perquirir e descobrir algo em vós mesmos. O resultado de uma técnica, de uma prática, de um hábito não é criador, senão mecânico. Ninguém vos pode auxiliar a vos compreenderdes e, a não ser com essa compreensão, não há o entendimento da realidade. A busca aos Mestres é inspirada pelos interes-

ses mundanos. Um valor atribuído pelos sentidos, conquanto refinado, pertence ainda ao mundo sensitivo e, consequentemente, causará ignorância e aflição.

Poder-se-ia perguntar se o que estou fazendo não equivale a ser também um guia. Se o sou, se vos reunis em torno de mim para colocar flores, construir um altar com todo o seu cortejo de tolices, então tal coisa é de todo insensata e imprópria de pessoas adultas. O que estamos procurando fazer é aprender a cultivar o correcto pensar — a única fonte do autoconhecimento. Nas bases do pensar exacto repousa o Supremo. Este conhecimento ninguém vo-lo pode dar, porquanto vós mesmos é que tendes de vos tornar conscientes de todos os vossos pensamentos-sentimentos. Porque em vós está o começo e o fim, a totalidade da vida. O Supremo é algo que deve ser descoberto, e não formulado.

Para inteirar-vos do passado, deveis conhecer-vos como sois no presente, visto que através do presente o passado é revelado. Convosco se encontra a chave da porta da realidade; ninguém pode oferecê-la, porque ela é vossa. Essa porta vós a abrireis mediante a vossa percepção; só se vos fizerdes conscientes, podereis ler o rico volume do autoconhecimento, pois ele encerra as indicações e os meios, os obstáculos e as barreiras impedidoras, mas conducentes ao Infinito, ao Eterno.

Ojai, 4-6-1944.

V

Como já expliquei, enquanto não compreendermos os problemas relacionados com o desejo, o conflito e aflição da vida cotidiana não podem ser extintos. Três são as principais expressões do anseio: sensualidade, mundanismo e busca de imortalidade pessoal; a satisfação dos sentidos, o desejo de prosperidade, de fama e poder pessoal. Analisando o desejo de satisfação dos sentidos, percebemos-lhe a insaciabilidade, os tormentos, as solicitações sempre crescentes; miséria e conflito são o seu fim. Ao examinarmos o mundanismo, verificamos que ele também denota luta incessante, inquietação e sofrimento. O anseio de imortalidade pessoal nasce da ilusão, porque a individualidade é um resultado, uma formação artificial, e um composto, um produto, jamais compreenderá aquilo que não tem causa, que é imortal.

Mui complexo e de difícil solução é o processo do desejo. É ele a causa de nossa miséria, de nossa confusão, de nosso conflito. Sem ex-

tingui-lo, não pode haver paz; sem eliminá-lo completamente, o pensar e sentir é um constante tormento e a vida se torna uma luta medonha. Raiz de todo egoísmo e de toda ignorância, é ele ainda a causa da frustração e da desesperança. A não transcendê-lo, não existirá felicidade nem paz criadora.

O desejo de sensualidade indica pobreza interior. Um mundo competidor e brutal é criado pelo desejo de acumular; os valores materiais e o anseio de imortalidade pessoal ou poder pessoal devem suscitar a autoridade, o mistério e o milagre, que impedem o descobrimento da realidade. Dos desejos mundanos origina-se a violência e as guerras, e, assim, só poderá haver paz ao compreendermos e ultrapassarmos o desejo nos seus vários aspectos.

Se não compreendermos esse motivo primário e simplesmente desenvolvermos virtudes, estaremos ùnicamente fortalecendo o "eu", a causa da ignorância e da aflição, o "eu" que assume diversos papéis e cultiva diferentes virtudes para satisfazer-se. Temos de compreender essa qualidade mutável do desejo, sua astuciosa adaptabilidade, os artifícios de que se vale para proteger-se e obter satisfação. O desenvolvimento da virtude torna-se o ponto forte da personalidade, mas a verdadeira virtude é libertar o pensamento-sentimento do desejo. Esta libertação é como uma escada; não encerra em si uma fina-

lidade. Sem a virtude, a libertação do desejo, não pode haver entendimento nem paz. Desenvolver a virtude como um oposto ainda é dar força à personalidade, ao "eu"; porque todo anseio ou desejo é individualista; e sendo individualista, por mais que tentemos torná-lo nobre, virtuoso, ficará sempre limitado, mesquinho, gerando por consequência conflito, antagonismo, aflição. Encontrará sempre o espetáculo da morte.

Por conseguinte, enquanto subsistir sob qualquer forma a semente do desejo, haverá tormento, pobreza, morte. Se desenvolvermos virtudes sem compreender o desejo, não suscitaremos aquela criadora tranquilidade da mente-coração, na qual se encontra o real. A não compreendermos as subtilezas do desejo, será inútil ajustar-nos meramente ao ambiente para vivermos em paz com a nossa família, com o nosso vizinho, com o mundo, porque a personalidade, o instrumento do anseio, será ainda o actor principal. Como libertar o pensamento-sentimento da ansiedade? Tornando-nos conscientes; estudando e compreendendo a personalidade e suas acções, libertar-nos-emos do anseio. Para compreender, toda negação ou aceitação, todo julgamento ou comparação, devem ser afastados. Mantendo-nos plenamente conscientes, descobriremos o que é sinceridade, amor, te-

mor, vida simples e o complexo problema da memória.

A mente incerta, em contradição consigo mesma, não pode saber o que é franqueza, sinceridade. A sinceridade requer humildade e só pode haver humildade enquanto estamos cônscios de nosso estado de contradição, de nossa própria incerteza. Essa contradição e incerteza sempre existirão ao lado do desejo, da incerteza dos valores, da acção, das relações. Quem tem certeza é obstinado, irrefletido. Quem sabe, não sabe. Quem se torna consciente dessa incerteza está cultivando, certamente, o desprendimento, a ausência de paixão. O começo da humildade é o desprendimento. Este, sem dúvida, constitui o primeiro degrau da escada. Porém, este degrau já se desgastou, de tanto o pisarem. O homem que se tornou cônscio do próprio desprendimento, já não é desprendido; mas todo aquele que se tem aplicado com interesse ao problema do desejo está-se tornando virtuoso sem buscar a virtude; é impassível sem procurar sê-lo. Sem sincera vigilância, não é possível compreensão nem paz.

P e r g u n t a : Além de desperdiçar tanto papel, supõe o senhor, sèriamente, deveríamos anotar todo pensamento e sentimento?

K r i s h n a m u r t i : Sugeri outro dia que, para compreender-nos, devemos tornar-nos conscientes e que, para estudar-nos, deve o pensamento-sentimento reduzir a própria celeridade. Inteirando-vos de vosso pensar e sentir, percebereis quão rápido ele é e como um pensamento-sentimento desconexo segue a outro, errante e distraído; e é impossível observar, examinar semelhante confusão. Para produzir ordem e, em consequência, clareza, sugeri se anotasse "cada" pensamento-sentimento. Essa máquina veloz só é observável reduzindo-se-lhe a celeridade, podendo, pois, prestar auxílio o registro de cada pensamento-sentimento. Assim como em uma película cinematográfica de movimento lento é distinguível cada movimento, assim também, diminuindo a rapidez da mente, podereis observar todos os pensamentos, tanto os triviais como os importantes. O trivial conduz ao importante e, por isso, não deveis afastá-lo por ser mesquinho. Sua presença revela a pequenez da mente e afastá-lo não a faz menos vulgar e tola; apenas concorre para conservar a mesquinhez e pobreza da mente, ao passo que estar consciente dele, compreendê-lo, faculta grandes riquezas.

Tentando realizar minha sugestão, sabereis como é difícil anotar cada pensamento-sentimento. Não só vos utilizareis de muito papel, mas também não sereis capazes de registrar todos

os vossos pensamentos-sentimentos, porquanto vossa mente é demasiado rápida em suas divagações. Mas, se tencionardes anotar cada pensamento-sentimento, por trivial e insensato que seja, considerando tanto o indecoroso como o agradável, ainda que seja pequeno o êxito inicial, verificareis que algo peculiar está ocorrendo. Como não tendes tempo para escrever cada pensamento-sentimento, pois outros assuntos vos reclamam atenção, notareis que uma das camadas da consciência está gravando cada pensamento-sentimento. Embora não atenteis directamente na anotação, estais, contudo, internamente vigilantes e, ao terdes vagar para de novo escrever, descobrireis que os registros da percepção interna virão à superfície. Se examinardes as notas, fá-lo-eis condenando ou aprovando, justificando ou comparando. Essa aprovação ou negação impede o desabrochar do pensamento-sentimento e, assim, põe termo à compreensão. Se, porém, não condenardes, não justificardes, nem compararardes, mas reflectirdes procurando compreender, descobrireis, então, que esses pensamentos-sentimentos revelam algo muito mais profundo. Destarte, começareis a criar em vós o espelho que reflectirá, sem deformação, vossos pensamentos-sentimentos. E, observando-os, compreendereis vossas acções e reacções, e assim o autoconhecimento se torna mais amplo e mais penetrante. Entendereis não só a

acção e reacção do momento, mas ainda o passado originador desse presente. E para isto deveis ter tranquilidade e solidão. Mas a sociedade não vos permite fruí-las. Obriga-vos ao convívio social, fazendo-vos permanecer externamente activos a todo custo. Se vos mantiverdes isolados, considerar-vos-ão anti-sociais e excêntricos, ou então temereis vossa própria solidão. Mas, permanecendo conscientes, descobrireis muitas coisas acerca de vós mesmos e, portanto, do mundo.

Não considereis estas anotações como um novo método, nova técnica. Experimentai-o. Mas o importante é que vos torneis cônscios de cada pensamento-sentimento, pois daí surge o conhecimento de vós próprios. Deveis empreender a jornada da descoberta de vós mesmos, que não depende de nenhuma técnica (a técnica, ao contrário, impede a descoberta) e é, em si mesma, libertadora e criadora. O relevante não é a vossa resolução, conclusão ou preferência, mas o que descobrirdes, pois será isto que trará compreensão.

A não desejardes registrar os pensamentos-sentimentos, então tornai-vos atentos a cada um deles, coisa essa muito mais difícil. Cientificai-vos, por exemplo, de vosso ressentimento, se tendes algum. Percebê-lo é estar consciente de sua causa, é saber porque e como se fixou, como vos está moldando as acções e

reacções e como é vosso constante companheiro. Permanecer inteirado do ressentimento, do antagonismo, envolve tudo isso e outras coisas mais, e sobremodo difícil é fazê-lo tão completa, tão integralmente como num lampejo; mas, se o fizerdes, verificareis que breve o ressentimento se transforma. A não vos ser possível essa percepção, anotai vossos pensamentos-sentimentos, aprendei a estudá-los com tolerante serenidade, e a pouco e pouco descobrireis todo o seu conteúdo. E é essa descoberta, esse entendimento, que é o fator da libertação e transformação.

P e r g u n t a : Falastes sèriamente ao sugerir que nos deveríamos retirar do mundo aos quarenta e cinco anos, mais ou menos?

K r i s h n a m u r t i : Sugeri-o sèriamente. Quase todos nós, até a morte surpreender-nos, estamos tão presos ao mundanismo, que não temos lazer para pesquisar profundamente, para descobrir o real. Para nos retirarmos do mundo impõe-se completa modificação nos sistemas educacional e económico, não é assim? Se vos retirásseis, estaríeis perdidos, sentir-vos-íeis solitários, não saberíeis o que fazer convosco, pois vos retiraríeis sem o devido preparo. Não saberíeis pensar. Formaríeis provàvelmente novos grupos, novas organizações com

crenças novas, emblemas e rótulos, e uma vez mais vos encontraríeis activos externamente, promovendo reformas que determinariam outras mais. Mas não é isto que quero dizer. Para retirar-vos do mundo deveis estar preparados: por um meio de ocupação apropriado, pela criação de ambiente propício, pelo estabelecimento do Estado adequado, pela correcta educação, etc. Com tal preparo, o retirar-vos então, do mundanismo, em qualquer idade é a sequência natural, e não anormal. Afastais-vos para mergulhar num estado de plena e profunda consciência, retirais-vos não para o isolamento, mas para o encontro do real; para auxiliar a transformação da sociedade e do Estado, sempre estagnados e contraditórios. Tudo isso envolveria uma modalidade totalmente diversa de educação, uma transformação em nossa ordem económica e social. Tal grupo de pessoas estaria completamente dissociado da autoridade, da política, de todas as causas originadoras de guerra e antagonismo entre os homens. Uma pedra pode modificar o curso de um rio; de modo análogo, pequeno número de pessoas pode modificar o curso de uma cultura. As grandes realizações, indubitàvelmente, se alcançam assim.

Direis provàvelmente que o geral dos homens, por mais que o deseje, não pode retirar-se. Naturalmente, nem todos, senão alguns, po-

derão fazê-lo. A vida solitária ou em pequeno grupo requer grande inteligência. Mas, se efectivamente julgásseis isso valioso, realizá-lo-íeis, não como maravilhosa acção de renúncia, mas como algo natural e inteligente, próprio de pessoa que reflecte. O extraordinàriamente importante é que haja, ao menos, algumas pessoas não pertencentes a grupos, raça, religião ou sociedade determinada. Elas criarão a verdadeira fraternidade entre os homens, porque estarão buscando a verdade. Para estar livre dos valores extrínsecos, deve haver percepção da pobreza interior, percepção essa propiciadora de inefável riqueza. A corrente da cultura pode modificar seu curso graças a algumas pessoas despertas. Essas pessoas não são estranhas, são vós e eu.

Pergunta: Não haverá questões que devem ser tratadas não só do ponto de vista externo mas também do interno, ou seja tanto com medidas práticas como com a compreensão individual? Por exemplo, a distribuição de narcóticos mortíferos, pelo Japão, na China. Isto é apenas uma das múltiplas formas da exploração, pela qual somos realmente responsáveis. Não haverá um meio, sem violência, pelo qual possamos contribuir para impedir esse inominável procedimento, ou deveremos esperar que a percepção individual venha a resolvê-lo?

Krishnamurti: Periòdicamente um grupo explora outro e a exploração provoca uma crise violenta. Eis o que tem acontecido através dos tempos: o domínio, a exploração, o assassínio de uma raça por outra, que por sua vez é oprimida, enganada e reduzida à miséria. Como solucionar isso? Só pela disciplina exterior, a saber, mediante a legislação, a organização, a educação, ou pelo entendimento das incompatíveis causas interiores, originadoras do caos e da miséria universal? Não podeis perceber o interno sem compreender o externo. Se apenas tentardes impedir a opressão ou exploração de uma raça por outra, tornar-vos-eis então o explorador, o opressor. Se usardes métodos nocivos para alcançar um fim justo, o fim se modifica com os meios empregados. Assim, enquanto não percebermos isso profundamente, perduràvelmente, reformar o mal com métodos impróprios é produzir maiores males. Deste modo, a reforma necessitará sempre de outras reformas. Julgamos perceber a evidência disto, e, não obstante, pelo temor, pela propaganda e outras influências, deixamo-nos persuadir do contrário, o que significa não havermos apreendido a sua veracidade.

Como o indivíduo é, assim é a Nação, o Estado. Talvez não possais modificar a outrem, mas podeis ter certeza de vossa própria transformação. Por métodos violentos, pelas sanções

económicas e outras coisas mais, podeis impedir que um país explore outro, mas como garantir que a nação que está pondo termo à crueldade de outra não se tornará também opressora e cruel? Não há a mínima garantia. Pelo contrário: combatendo o mal por meios maléficos, a nação, o indivíduo torna-se aquilo que está combatendo. Podereis construir uma estrutura externa, superficial, de uma excelente legislação, a fim de controlar e reprimir, mas, se não houver benevolência e amor fraterno, o conflito e a pobreza internas irromperão, suscitando o caos. A simples legislação não impede o Ocidente de explorar o Oriente, nem que este, a seu turno, venha a explorar aquele. Enquanto nós, individualmente ou em grupos, nos identificarmos com esta ou aquela raça, com determinada nação ou religião, haverá guerras e exploração, opressão e fome; enquanto vós mesmos admitirdes essas divisões, i.é., a extensa lista de divisões absurdas, como Americano, Inglês, Alemão, Indu, e não vos fizerdes conscientes da unidade e relação humana, haverá assassínio em massa e sofrimento. Um povo guiado, reprimido pela legislação, semelha uma flor artificial, exteriormente bela, mas vazia em si.

Provàvelmente direis que o mundo não pode esperar pelo despertar de cada um, ou de alguns, para alterar seu curso. Sim, ele continuará em seu cego, obstinado curso; mas desperta-

rá através de cada indivíduo capaz de se libertar dos preconceitos raciais e nacionalistas, do mundanismo, da ambição e do poder pessoal. Pelo seu entendimento, pela sua compaixão, pode-se pôr um fim à brutalidade e à ignorância. Só no despertar individual há esperança.

Pergunta: Desejo auxiliar e servir meus semelhantes. Qual a melhor maneira de fazê-lo?

Krishnamurti: A melhor maneira é começar por compreender-vos e modificar-vos. No desejo de auxiliar e servir a outrem, oculta-se o orgulho e a vaidade. Se tiverdes amor, auxiliareis. A ajuda clamorosa nasce da vaidade.

Se, de facto, desejais auxiliar a outrem, deveis conhecer-vos, porque sois como a outra pessoa. Externamente podemos ser diferentes: amarelos, pretos, morenos e brancos, mas somos todos impulsionados pelo anseio, pelo temor, pela cupidez ou pela ambição; internamente somos muito semelhantes. Como podereis saber quais as necessidades de outrem, sem conhecer-vos? Se não compreenderdes a vós mesmos, não podereis compreender nem servir a outrem. Faltando-vos o autoconhecimento, agireis com ignorância, ocasionando sofrimento.

Aprofundemos o assunto. Impelida pela avidez e pela guerra, a industrialização está-se alastrando ràpidamente em toda a parte. Pode ela facultar emprego, alimentar maior número de pessoas, mas quais seus últimos efeitos? Que acontece a um povo altamente desenvolvido pela técnica? Será mais rico, possuirá mais automóveis, mais aviões, mais instrumentos, mais cinemas, casas maiores e melhores, mas que lhes acontece como seres humanos? Mostram-se cada vez mais impiedosos, mais mecanizados, menos criadores. A violência então deve generalizar-se e o governo se tornará o órgão da violência. A industrialização pode melhorar as condições económicas, mas quão horrorosos são os resultados! Cortiços, rivalidade entre o trabalhador e o não trabalhador, o senhor e o escravo, o capitalismo e o comunismo, e todo este caos que se estende pelas diferentes partes do mundo. Nós dizemos que felizmente a industrialização elevará o padrão de vida, que a pobreza será eliminada, que haverá trabalho, liberdade, dignidade e tudo o mais. Mas a divisão e o conflito infindável entre o rico e o pobre, o homem poderoso e o ávido de poder, continuarão. Qual o fim disso? Que tem acontecido no Ocidente? Guerras, revoluções, contínua ameaça de destruição, completo desespero. Quem está auxiliando, quem está servindo? Quando tudo está sendo destruído ao redor de

nós, cumpre ao indivíduo sensato meditar sobre as causas mais profundas da guerra, e isso poucos parecem fazer. O indivíduo privado de sua casa pelo bombardeio deve invejar o homem primitivo. Estais civilizando, não há dúvida, os chamados povos atrasados, mas a que preço! Poucos, entretanto, compreendem as causas mais profundas da catástrofe. Não podeis destruir a indústria, não podeis extinguir a aviação, mas podeis desenraizar completamente as causas de sua má utilização; jazem em vós as causas de seu uso atroz. É possível desarraigá-las, embora isso determine difícil tarefa. Como, porém, não vos dispondes a empreendê-la, procurais legalizar a guerra; tendes convenções, ligas, segurança internacional, mas a cupidez, a ambição se sobrepõe a tudo isto e a guerra e a catástrofe são o desfecho inevitável.

Para auxiliar a outrem, deveis conhecer-vos; ele, como vós, é o produto do passado. Somos todos inter-relacionados. Se padeceis internamente da ignorância, malevolência e paixão, inevitàvelmente espalhareis a enfermidade e a treva. Se fordes internamente sãos, íntegros, irradiareis luz e paz; do contrário, contribuireis para maior caos e miséria. O compreender-nos requer paciência, tolerante vigilância; o "eu" é um livro de muitos volumes e não podeis lê-lo num só dia, mas, iniciada a leitura, deveis ler cada palavra, cada frase, cada pa-

rágrafo, pois neles está a revelação do todo. O seu começo é também o seu final. Se souberdes lê-lo, achareis a suprema sabedoria.

P e r g u n t a : *Só é possível estar consciente durante as horas de vigília?*

K r i s h n a m u r t i : Quanto mais estiverdes conscientes de vossos pensamentos e emoções, mais percepção tereis de todo o vosso ser. Em tais condições, as horas de sono se tornam uma intensificação das horas de vigília. Até no chamado sono, como sabemos, a consciência funciona. Por vezes reflectimos intensamente sobre um problema e não conseguimos resolvê-lo. Consultamos os nossos travesseiros, como se diz correntemente. Pela manhã, achamos-lhe mais clara a solução e presumimos saber o que fazer, ou então percebemos um novo aspecto da questão que nos auxilia a solucioná-la. Como acontece isso? Podemos atribuí-lo a um grande mistério e tolice, mas que ocorre na realidade? Durante o chamado sono, a mente consciente, essa fina camada, está tranquila, talvez receptiva; preocupou-se ela com o problema, e agora, fatigada, está tranquila, removida que foi a tensão. Tornam-se, assim, discerníveis as sugestões das camadas mais profundas da consciência e, ao despertardes, o problema parece haver-se tornado mais claro e mais

fácil de resolver. Consequentemente, quanto mais cônscios estiverdes de vossos pensamentos-sentimentos durante o dia — e isso não apenas no decorrer de alguns segundos ou de um período determinado — tanto mais serena e vigilantemente passiva se faz a mente, habilitando-se assim a responder e compreender as mais subtis insinuações. Difícil é, porém, manter essa vigilância; a mente consciente não está afeita a tal intensidade. A cooperação da mente recôndita se torna tanto maior quanto mais intensa for a vigilância da mente consciente, havendo então uma compreensão mais ampla e penetrante.

Quanto mais alerta vos mantiverdes durante as horas de vigília, menos sonhos haverá. Os sonhos indicam pensamentos-sentimentos e acções incompletas, não compreendidas, que requerem interpretação nova, ou pensamento ansioso e frustrado que necessita ser plenamente compreendido. Nem todos os sonhos merecem atenção. Cumpre interpretar os significativos e isto depende de vossa capacidade de com eles não vos identificardes, depende de aguda inteligência. Mantendo-vos penetrantemente alerta, desnecessária é a interpretação; mas, indolentes como sois, se tendes posses, preferis ir a um especialista em sonhos, que interpreta os vossos de conformidade com seu entendimento. Ficareis assim, gradativamente, na sua dependência, torná-lo-eis o novo sacerdote e tereis mais um

problema para resolver. Se, porém, estiverdes acautelados, mesmo por breve período, percebereis nessa curta e perspicaz vigilância, por fugidia que seja, o despertar de um novo sentimento não resultante do desejo, mas de uma faculdade livre de todas as limitações e inclinações pessoais. Essa faculdade, esse sentimento, intensificar-se-á à medida que vos fizerdes mais ampla e profundamente vigilantes, de maneira que permanecereis conscientes ainda que vossa atenção se dirija para outros assuntos. Embora vos ocupeis com vossos deveres e dispenseis atenção à existência cotidiana, a percepção interna continua; tal como numa chapa fotográfica, ela vai gravando toda e qualquer impressão, todo pensamento-sentimento, para ser estudado, assimilado e compreendido. É de suma importância essa faculdade, esse novo sentimento, pois revelará o eterno.

Ojai, 11-6-1944.

VI

Tenho acentuado em minhas palestras ser o autoconhecimento o início do pensar correcto e que, sem o mesmo, não é possível o verdadeiro pensar. Conhecendo a nós próprios, obteremos compreensão e nela está a raiz de todo e qualquer entendimento. A não ser com a autognosia, (1) não compreenderemos o mundo circundante. Essa compreensão demanda esforço apropriado, porquanto, sem ele, o pensamento-sentimento permanecerá no conflito da dualidade, do mérito e do demérito, do "eu" e d"o meu" em oposição ao "não-eu" e ao "não-meu", conflito esse causador de profunda angústia e sofrimento. Haverá essa luta de opostos enquanto não observarmos, compreendermos e ultrapassarmos o desejo. O desejo de coisas e prazeres materiais e de imortalidade pessoal é a origem da aflição e, ainda que se apresente sob formas diferentes,

---

(1) Conhecimento de si próprio.

criará ignorância, antagonismo e dor. O desejo de imortalidade não visa à continuação do "eu" sòmente após a morte, mas também no presente, expressando-se no orgulho da família, do nome, da posição, bem como na busca de posses, de fama, de autoridade, de mistério e milagre. Ansiar por essas coisas é principiar a afligir-se e, se a elas nos escravizarmos, não haverá fim para a aflição.

Desse modo, o começo da virtude está no libertar do desejo o pensamento-sentimento. A virtude é uma negação do "eu", e não a transformação positiva do "eu", porquanto o entendimento negativo é a maneira mais elevada de pensar e sentir. A chamada transformação positiva, ou as qualidades do "eu", envolve e limita o indivíduo e, destarte, não o liberta do conflito e do sofrimento. O desejo de vir a ser, por nobre e virtuoso que seja, situa-se ainda no âmbito restrito do "eu", gerando, por conseguinte, conflito e confusão. Esse processo de constante vir a ser, considerado positivo, traz morte, com os seus temores e esperanças. O libertar o pensamento do desejo, embora possa parecer negação, constitui a essência da virtude, porquanto isto não significa estruturar o processo da individualidade, do "eu" e d'"o meu".

Conforme já tenho dito, libertando o pensamento-sentimento do desejo, inteirando-nos de suas expressões, começaremos a perceber o sig-

nificado da franqueza, do amor, do medo, da vida simples e de outras coisas mais. Não quer isso dizer que devamos tornar-nos simples e sinceros, mas, pensando e sentindo a tal respeito, cientificando-nos amplamente disso, faz-se perceptível o seu profundo conteúdo, o que não equivale a dizer que a pessoa se torne sincera. Não é a virtude uma estrutura sobre a qual o "eu" possa edificar, porquanto nele não há o vir a ser. O "eu" jamais se tornará simples, aberto, lúcido, pois sua própria natureza é obscura, fechada, confusa, contraditória.

Percebendo onde está a ignorância, iniciar-nos-emos na franqueza e na sinceridade. A inconsciência da ignorância gera obstinação e credulidade, e procurar, nessas condições, ser sincero é lançar-se ùnicamente em maior confusão. Sem o autoconhecimento, a mera sinceridade revela limitação e credulidade. Se exercermos vigilância sobre nós mesmos e observarmos o que é franqueza, a confusão cederá lugar à lucidez. É a falta de esclarecimento que leva à insinceridade, à arrogância. Permanecendo conscientes das fugas, das deturpações, dos empecilhos, suscitaremos ordem e clareza. A ignorância, ou seja a carência do autoconhecimento, origina confusão e insinceridade. Sem compreender a natureza contraditória do "eu", ser franco equivale a ser rude e produz cada vez mais confusão. Com a autovigilância e o conhecimento de

nós mesmos surgirá a ordem, a lucidez, o pensar correcto.

A mais elevada forma de pensar é a compreensão negativa. Pensar-sentir de modo positivo, sem compreender o desejo, é exaltar os valores desunitivos, destruidores, não criadores.

Ora, para nós, o amor é pesaroso. Estamos certos de haver tristeza, amargura e desilusão no amor; sua dor é uma tortura; sabemos que nele existem o temor e o ressentimento. Não há fugir ao amor e, no entanto, ele é torturante. Os insensatos culpam o amor, sem compreender a causa do sofrimento. E sem percebermos o motivo do conflito, não poderemos transcender a angústia por ele produzida. A não permanecermos cônscios da origem do conflito — o desejo — o amor sempre trará sofrimento. É o desejo, e não o amor, que traz a dependência e todos os pesares dela provenientes. É o anseio, e não o amor, que gera nas relações a incerteza, e daí o sentimento de posse, o ciúme, o temor. E no sentimento de posse, nessa dependência, há um senso falso de unidade que sustenta e nutre a sensação temporária de bem-estar. Isso, porém, não é amor, pois revela medo e suspeita interiores. Este estímulo exterior de aparente unidade é semelhante a um parasita, a um indivíduo que vive a expensas de outro. Portanto, tal coisa não é amor, pois interiormente há vacuidade, solidão e necessidade de dependência. Não é o

amor que faz nascer o medo, mas sim a dependência. Sem a compreensão do desejo, não haverá domínio, opressão, sob a forma de amor? Nas relações entre uma ou mais pessoas, o amor em que há poder e domínio, com a correspondente aceitação e submissão, provocará conflito, antagonismo e sofrimento. Existindo em nós próprios a semente da violência, como poderá haver amor? Havendo em nós o germe da contradição e incerteza, como existirá amor? O amor ultrapassa e sobreleva tudo isto; ele transcende o plano dos sentidos. É em si mesmo eterno e independente, e não um resultado. Nele há misericórdia e generosidade, perdão e compaixão. Com o amor, surge a humildade e a brandura; sem o amor, isto não se verifica.

Pergunta: Sou já introvertido. (1) *Seguindo o que tendes dito, não haverá o perigo de me tornar cada vez mais concentrado em mim próprio, mais introvertido?*

Krishnamurti: Se sois introvertido por oposição aos extravertidos, (2) então haverá perigo de vos absorverdes em vós mesmos.

---

(1) Aquele que está voltado para dentro de si mesmo.

(2) Aquele cuja atenção está concentrada em objectos e acções externas.

Se vos colocardes em oposição a alguma coisa, vossos pensamentos, vossos sentimentos e acções se enclausurarão a si próprios, gerando isolamento. Compreendendo inteligentemente o exterior, chegareis ao interior e, assim, a divisão entre um e outro desaparecerá. Se vos opuserdes ao exterior e vos apegardes ao interior, ou se não reconhecerdes este e vos mantiverdes naquele, dar-se-á o conflito dos opostos, no qual não haverá compreensão. Para entender o exterior, o mundo, cumpre começar por vós, porque vossos pensamentos-sentimentos e acções resultam tanto do externo como do interno. Sois o centro de toda a existência objectiva e subjectiva e, para compreendê-la, por onde deveis iniciar senão por vós próprios? Isso não provoca desequilíbrio, antes traz entendimento criador, paz íntima.

Se, porém, repelirdes o exterior, se tentardes fugir a ele, se o desfigurardes amoldando-o à vossa fantasia, então o vosso mundo interior será uma ilusão, apartar-vos-á da realidade, impedirá o entendimento. Será um estado ilusório acarretador de miséria. Ser é estar em relação, mas podeis obstar, deformar esta relação, tornando-vos cada vez mais insulados e absorvidos em vós mesmos, o que ocasiona o desequilíbrio mental. A raiz da compreensão está em vós, no autoconhecimento.

P e r g u n t a : O senhor, como outros orientais, parece ser contrário à industrialização. Por que?

K r i s h n a m u r t i : Não sei se muitos orientais são contrários à industrialização e, se o forem, ignoro-lhes as razões; mas julgo já haver explicado o motivo por que considero não ser a industrialização a solução para os problemas humanos e os conflitos e aflições deles decorrentes. A mera industrialização estimula os valores materiais: banheiros e automóveis amplos e luxuosos, distrações, diversões e tudo o mais. Aos valores eternos se sobrepõem os transitórios. Procura-se a felicidade e a paz através da posse, das coisas elaboradas pela mão e mente do homem; no apego aos objectos e ao simples conhecimento. Nas ruas principais, vemos loja após loja a vender a mesma coisa, em cores e formas diferentes, e exposições de inúmeras revistas e milhares de livros. Queremo-nos distrair, divertir-nos, evadir de nós mesmos, tal é a nossa miséria e pobreza interior, a nossa vacuidade e tristeza. E, desse modo, onde há procura, há produção e a tirania da máquina. No entanto, julgamos poder solucionar o problema económico e social com a simples industrialização. Será isto possível? Podeis fazê-lo temporàriamente, mas com isso surgem as guer-

ras, as revoluções, a opressão e a exploração, conduzindo a chamada civilização — a industrialização e tudo que ela implica — a um estado de barbárie. Criaram-se a industrialização e a máquina, e agora não podeis destruí-las; elas, porém, ocupam o seu verdadeiro lugar sòmente quando o homem não depende de coisas para sua felicidade e passa a cultivar as riquezas interiores, os tesouros imperecíveis da realidade. Sem essa conquista, a simples industrialização provoca horrores inenarráveis. Para o indivíduo rico interiormente, a industrialização tem seu devido significado. Tal problema não é de certo país ou raça: é de toda a humanidade. Sem o poder equilibrante da compaixão e espiritualidade, teremos com o simples aumento da produção de coisas, o aperfeiçoamento de obras e de técnica, guerras de maiores proporções e mais bem organizadas, opressão económica e fronteiras poderosas, bem como formas mais subtis de ludibriar, desunir e tiranizar.

Uma pedra pode alterar o curso de um rio; do mesmo modo, algumas pessoas de compreensão talvez possam modificar a actual orientação do homem. Mas é difícil suportar a pressão constante da moderna civilização, a menos que estejamos sempre em guarda e descobrindo os tesouros indestrutíveis.

Pergunta: Julgais que a meditação em grupo seja útil?

Krishnamurti: Qual o objectivo da meditação? Não é o pensar correcto a base para se descobrir o Supremo? Com o correcto pensar surge o incognoscível, o imensurável. Compete-vos descobri-lo, e para isso vossa mente deve achar-se inteiramente só, de todo em todo silenciosa, tranquila, criadoramente vazia. Deve a mente libertar-se do passado, das influências que a condicionam e cessar de criar valores.

Vós exprimis a unidade e o múltiplo, o grupo e o indivíduo: sois o resultado do passado. Este processo, só o compreendereis totalmente através desse resultado, cumprindo-vos, pois, estudá-lo e examiná-lo. A observação, porém, requer equanimidade, completa independência de espírito. Deveis deixar de ser escravos da propaganda, assim da subtil como da grosseira. A influência ambiente molda o pensamento-sentimento e, por conseguinte, dela também vos deveis livrar, para descobrir o real, o único elemento libertador. Somos fàcilmente persuadidos a crer ou a descrer, a agir ou a não agir; revistas, jornais, cinemas, rádios, tudo isto nos molda diàriamente o pensamento-sentimento e poucos logram escapar à sua influência limitadora.

Um grupo de religiosos acredita nisto, outro naquilo; seus pensamentos-sentimentos constituem meras imitações, derivam de influências e ideias padronizadas. Em meio a essas afirmações imitativas, a essa confusão, como é possível descobrir a realidade! Para compreender esse estado confuso e insano, o pensamento-sentimento necessita desembaraçar-se dele, a fim de tornar-se claro, livre de preconceitos e simples. A mente-coração, para habilitar-se a descobrir o real, deve libertar-se da tirania do passado, tornando-se inteiramente solitária. Como fàcilmente se utiliza, se persuade, se narcotiza a coletividade e as congregações! A descoberta do real não depende de organizações, pois deve ser tentada individualmente, sem coerção, sem o impulso da ideia de recompensa ou do medo ao castigo. Quando a mente cessar de criar, haverá criação.

P e r g u n t a : *Neste mundo terrível e impiedoso, não é necessário crer em Deus?*

K r i s h n a m u r t i : Séculos após séculos vimos acreditando em Deus e, não obstante, criamos um mundo atroz. Tanto o selvagem como o sacerdote altamente civilizado acreditam em Deus. O homem primitivo mata com arco e flecha e dança frenèticamente; o sacerdote civilizado abençoa belonaves e bombardei-

ros e emprega a racionalização. Não estou dizendo tais coisas com espírito sarcástico ou escarninho; assim, peço-vos não sorrirdes. É assunto grave. Ambos — o sacerdote e o selvagem — crêem, e existe igualmente o incréu, mas este também procura eliminar os que lhe embargam o passo. Apegar-se a uma crença ou ideologia não põe termo ao morticínio, à opressão, à exploração. Pelo contrário: as guerras, destruições e opressão horrorosas, bárbaras, sempre existiram e continuarão a existir em nome da paz, em nome de Deus. Se pudermos lançar à margem essas crenças e ideologias causadoras de contendas e suscitar uma profunda mudança em nossa vida diária, haverá ensejo para um mundo melhor. É a nossa vida de cada dia que originou não só esta, mas ainda outras catástrofes, com todos os seus horrores; nossa insensatez, nossas fronteiras exclusivistas, nossos privilégios nacionais e económicos, a falta, de nossa parte, de benevolência e compaixão, tudo isso tem provocado guerras e outras desgraças. Os interesses materiais redundarão sempre no caos e na aflição.

Somos o resultado do passado e construir sobre esta base, sem compreendê-la, é expor-nos ao infortúnio. Sendo a mente um resultado, um composto, não pode entender uma coisa não artificial, sem causa, eterna. Para compreender o incriado, deve a mente cessar de criar. A cren-

ça descende sempre do passado, do que foi criado, tornando-se, destarte, um empecilho ao conhecimento do real. Estando o pensamento-sentimento apoiado em alguma coisa, sendo dependente, não é possível a compreensão da realidade. Deve haver a libertação franca e tranquila do passado, um transbordamento espontâneo de silêncio, pois só nesse transbordamento pode florescer o real. Ao observardes o crepúsculo, nesse instante de beleza há uma natural e criadora alegria. Se desejais repetir a experiência, já não sentireis alegria com o contemplar o ocaso. Tentais sentir a mesma felicidade, porém, ela já não existe. Vossa mente, sem esperar nem desejar, fez-se receptiva, mas, com isso, passou a desejar mais, e esse desejo é que a cega. O desejo é acumulador e sobrecarrega a mente-coração: está sempre colhendo, armazenando. O pensamento-sentimento é assim corrompido pelo desejo, pelas ondas corrosivas da memória. Só com uma profunda vigilância se extingue esse absorvente processo do passado. O desejo, como o prazer, é sempre individualista, limitante, e, destarte, como pode o pensamento nascido do desejo apreender o imensurável!

Em lugar de fortalecerdes as crenças e ideologias, fazei-vos cônscios de vossos pensamentos-sentimentos, porque deles é que nascem os problemas da vida. O que sois, o mundo é: se fordes cruéis, luxuriosos, ignorantes, cúpidos,

tal será o mundo. Vossa crença ou descrença em Deus é de pouca importância, pois, pelos vossos pensamentos, sentimentos e acções, fazeis do mundo uma coisa terrível, cruel, bárbara ou um lugar de paz, de compaixão, de sabedoria.

Pergunta: *Qual é a fonte do desejo?*

Krishnamurti: A percepção, o contacto, a sensação, o querer e a identificação causam o desejo. A fonte do desejo é a sensação, em suas mais baixas e elevadas formas. E quanto mais necessitardes de satisfazer os sentidos, tanto maior será o apego às cousas materiais, o qual busca continuidade após a morte. Desde que a existência é sensação, podemos apenas compreendê-la — e não escravizar-nos a ela — e assim libertar o pensamento, a fim de transcendê-la na mais completa percepção. O desejo de satisfação provê a todo o custo os meios de satisfação. Tal necessidade, tal desejo, podemos observá-los, estudá-los, compreendê-los inteligentemente e ultrapassá-los. Permanecer escravizado ao desejo equivale a ser ignorante, e o fim dessa condição é o sofrimento.

Pergunta: *Não existirá no homem um princípio de destruição independente de sua vontade de destruir e, ao mesmo tempo, de seu desejo de viver? A própria vida parece ser um processo de destruição.*

Krishnamurti: Existe em todos nós, em estado latente, uma vontade de destruir, como a cólera e a malevolência, vontade essa que, ao desenvolver-se, provoca as catástrofes mundiais; e há também em nosso íntimo o desejo de sermos ponderados e compassivos. Deste modo, perdura em nós esse processo dual, conflito aparentemente infindável. O interrogante deseja saber se a própria vida não semelha um processo de destruição. Sim, ela o é, se o compreendermos no sentido de que na negaçáo está a mais elevada compreensão. Essa negação é a destruição dos valores baseados no positivo, no "eu" e n"o meu". Enquanto a vida for um desejo pessoal de tornar-nos alguma coisa, enclausurada pelo pensamento-sentimento do "eu" e d"o meu", ela se tornará um processo destruidor, cruel e não criador. O vir a ser positivo, afirmativo, é em última análise mortífero, o que tão claramente se observa no mundo actual. A vida baseada no positivo, como seja o "eu" e "o meu", é contraditória e destruidora. Extinguindo-se esse querer e não-querer positivo e agressivo, haverá a consciência do temor, da morte, do nada. Mas, se o pensamento puder transcender esse temor, então a realidade final se manifestará.

Ojai, 18-6-44.

VII

Procurei explicar em minhas últimas palestras como cultivar o pensar exacto e como êle surge mediante o autoconhecimento. Quanto mais cônscios estiverdes dos vossos pensamentos-sentimentos, tanto maior perante os mesmos a vossa equanimidade, e quanto menos com eles vos identificardes, tanto maior será o conhecimento de vós próprios, o qual extinguirá a ignorância e o sofrimento. Compreendendo-se a individualidade, vem à existência o correcto pensar.

Reside a virtude, como já expliquei, no libertar do desejo o pensamento-sentimento, requerendo franqueza essa libertação. A dependência destrói o amor. O desejo cria sempre o apego, o sentimento de posse e dá origem ao ciúme, à inveja e aos mais conflitos que bem conhecemos. Havendo dependência e apego, não existirá amor.

Ao compreendermos as relações humanas, descobrimos que a causa da perturbação e da

dor está no dependermos de outrem para nosso apoio e felicidade interior. Consequentemente, tornam-se as relações um meio de satisfação pessoal, causadora de apego e temor, e constituem um processo de revelação de cada um; são como um espelho no qual principiais a descobrir-vos, conhecendo as vossas inclinações, pretensões, móveis limitados e egoísticos, temores, etc. Nas relações, se permanecerdes alerta, verificareis que vosso modo de ser fica à mostra, e isto origina conflito e dor. O homem reflectivo acolhe com prazer esse desmascaramento de si mesmo, a fim de suscitar ordem e clareza em seu pensamento-sentimento e libertá-lo das tendências que o isolam e enclausuram. Mas, em geral, procuramos buscar conforto e satisfação nas relações; não desejamos revelar-nos a nós próprios, não queremos estudar-nos tais como somos, e por isso elas se tornam cansativas e desejamos fugir-lhes. Se não achamos nas relações a paz visada, empreendemos mudanças satisfatórias até encontrarmos o desejado — o conforto prosaico ou alguma distração para preencher a vacuidade e os temores dolorosos. As relações, porém, causarão dor, serão uma luta constante enquanto não despontar, por seu intermédio, ampla e profunda autognose. Com grande conhecimento de nós mesmos, há amor inexaurível.

O compreendermos as relações e a causa da dependência é de primordial relevância, pois assim não criaremos a inimizade. Não podemos descobrir as causas da inimizade, nas relações, se estas não constituirem um processo revelador de nós próprios. À não haver causa para a inimizade, não existirá o amigo e o inimigo, o que perdoa e o que é perdoado. Provocamos a inimizade com o orgulhar-nos da posição, do conhecimento, da família, da capacidade e, deste modo, despertamos em outrem a malevolência e a inveja.

O desejo de tornar-nos alguma coisa gera o medo; ser, atingir algo e, portanto, cair na dependência, engendra o temor. O estado de ausência de medo não é negativo, não é o oposto do temor, nem exprime coragem. Ao compreendermos a causa do temor, ele desaparece sem nos tornarmos corajosos, pois em todo vir a ser há a semente do temor. A dependência de coisas, de pessoas ou de ideias gera o medo; surge da ignorância, da falta do autoconhecimento, da pobreza interior. O temor origina a incerteza da mente-coração, impedindo a comunicabilidade e a compreensão. Com a autovigilância, começamos a descobrir e compreender a causa do medo, não sòmente dos superficiais, mas também dos fundamentais, cumulativos e profundos. O temor é tanto inato como adquirido; relaciona-se com o passado e, para libertar

o pensamento-sentimento do passado, deve este ser compreendido através do presente. O passado está sempre em condições de dar nascimento ao presente, que se torna a memória identificante do "eu" e d"o meu", da individualida- O "eu" é a raiz de todo o temor.

Não se transcende o temor pela inibição ou supressão. Cumpre descobrir-lhe a causa por nós mesmos e, assim, compreendê-la e dissolvê-la. Tornando-nos conscientes do desejo e da dependência que acarreta, observando-lhe as modalidades e acções com serenidade e complacência, o temor dá lugar à compreensão. Existem, certamente, três estados de percepção em cada problema: o primeiro consiste em tomar conhecimento dele; o segundo é o de estar profundamente cônscio de sua causa e efeito e da dualidade de seu processo; o terceiro é o de transcendê-lo e, para tanto, o pensador e o seu pensamento devem constituir uma unidade. Nós, em maioria, estamos inconscientes do temor, mas, quando nos achamos conscientes, tornamo-nos apreensivos, fugimos a ele e buscamos suprimi-lo ou encobri-lo. Entretanto, se agirmos de outro modo, então, pela constante vigilância, a causa e o seu processo começam a manifestar-se. Se não formos impacientes, se não ansiarmos por um resultado, a chama da vigilância, que traz compreensão, dissolverá a causa e seus processos, em desenvolvimento

constante. Existe só uma causa, mas suas modalidades e expressões são múltiplas.

Não se elimina a causa do medo pela inibição ou proibição; estas apenas acarretam outros factores de perturbação e sofrimento. Pela observação tolerante do temor e contínua percepção de qualquer de suas manifestações, permitimos que ele se revele. Examinando-o sem identificação, objectivamente, com brandura, advém uma compreensão criadora. Sòmente ela dissolverá a causa do medo, sem desenvolver seu oposto, ou seja outra forma de temor.

Pergunta: Por que não trata o senhor dos males económicos e sociais, em vez de fugir para questões místicas e obscuras?

Krishnamurti: Venho procurando demonstrar que, só dando importância às coisas primárias, poderemos entender e solucionar as questões secundárias. Impossível é resolver os males económicos, sem lhes compreendermos as causas. Para as entendermos e, deste modo, suscitar uma mudança fundamental, cumpre primeiramente compreender a nós mesmos, pois nós somos a causa desses males. Individualmente e, por conseguinte, em grupo, criamos a luta e a confusão social e económica. Somos os únicos responsáveis por elas, de modo que sòmente nós, individualmente ou talvez colectiva-

mente, poderemos trazer ordem e clareza à situação. Para agir colectivamente, devemos principiar pela acção individual; para agir em grupo, é mister compreender e alterar radicalmente as causas existentes em nós próprios, originadoras do conflito e da miséria exteriores. Mediante a legislação podeis alcançar certos resultados benéficos, mas, sem a alteração das causas internas, fundamentais, do conflito e do antagonismo, anular-se-ão tais efeitos e surgirá novamente a confusão; as reformas externas requererão sempre novas reformas e essa prática conduz à opressão e à violência. Só estabelecendo interiormente a ordem e a paz é que poderemos criar exteriormente um estado de ordem perdurável e a concórdia criadora. Todos, não importa a posição, estamos buscando poder, somos cúpidos, luxuriosos ou violentos. Sem extinguirmos em nosso íntimo, por nós próprios, a cupidez, a luxúria e a violência, a simples reforma exterior pode produzir resultados superficiais, mas serão destruídos por aqueles que estão sempre buscando posição, fama, etc. Para se conseguir a mudança necessária e fundamental no mundo exterior, com suas guerras, competição e tirania, naturalmente deveis começar por vós e transformar-vos profundamente. Direis indubitàvelmente que, assim, a reforma do mundo requereria muito tempo. E que importância tem isso? Uma revolução rápida, drásti-

ca e superficial alterará o estado interior? Pelo sacrifício do presente criar-se-á um futuro feliz? Por meios errôneos conseguiremos fins justos? Isto ainda não nos foi provado e, não obstante, seguimos esta orientação cega e irreflectida, e daí a destruição e miséria total. A paz e a ordem são alcançáveis apenas por meios pacíficos e ordeiros. O propósito das revoluções económicas e sociais não é o de libertar o homem, auxiliá-lo a pensar e sentir plenamente, a viver completamente? Mas os que desejam mudança imediata e rápida na ordem económica e social não criam também um padrão de proceder e pensar, padrão não de "como" pensar, mas "em" que pensar? Assim, frustram os próprios fins e o homem se torna apenas um joguete do ambiente.

Tenho procurado explicar que a ignorância, a malevolência e a luxúria causam aflição e que, a não eliminarmos esses obstáculos, originaremos inevitàvelmente o conflito, a confusão e a miséria exteriores. A ignorância — a falta do conhecimento de nós mesmos — é o maior dos males. Impede o correcto pensar e dá importância primária às coisas secundárias, e assim a vida se faz vazia, pesada e rotineira. A ela tentamos fugir de vários modos, i.é., devotando-nos a dogmas, à especulação, às convicções ilusórias e a outras coisas mais, o que não é misticismo. Procurando compreender o mundo exte-

rior, chegaremos ao interior e este, correctamente seguido e verdadeiramente compreendido, conduzirá ao Supremo. Essa realização não deriva da fuga e só ela proporcionará paz e ordem universal.

O mundo acha-se num caos porque temos andado em busca de valores errôneos. Havemos dado importância à sensualidade, às coisas materiais e transitórias, à fama ou à imortalidade pessoal, e isto acarreta conflito e sofrimento. O valor verdadeiro encontra-se no pensar exacto, e não existe pensar exacto sem o autoconhecimento, oriundo da vigilância sobre nós próprios.

P e r g u n t a : *Não pensa o senhor que existem nações amantes da paz e nações agressivas?*

K r i s h n a m u r t i : Não. O termo nação é desunitivo, exclusivista, constituindo, portanto, a causa das contendas e das guerras. Não existe nação amante da paz: todas são agressivas, dominadoras, tirânicas. Enquanto permanece como unidade separada, apartada das outras, vangloriando-se de sua segregação, do patriotismo e da raça, gerará extrema miséria para si e para as outras. Não podeis ter paz e ser ao mesmo tempo exclusivistas. Não podeis ter fronteiras económicas e sociais, nacionais e ra-

ciais, sem dar origem à inimizade e ao ciúme, ao temor e à suspeita. Não podeis viver na abastança, enquanto os outros estão famintos, sem isso provocar a violência. Não somos separados, somos seres humanos em relações comuns. Vossa dor é a dor de outrem; matando a outrem, estais destruindo a vós mesmo, odiando a outrem, sofrereis. Vós sois o outro. A benevolência e a fraternidade não se conseguem através das nacionalidades e fronteiras desunitivas e exclusivistas: estas devem ser postas à margem, para se proporcionar paz e esperança ao homem.

Por que vos identificais com qualquer nação, grupo ou ideologia? Não é para proteger vossa pessoa pequenina, para alimentar vossas mesquinhas e mortíferas vaidades, para manter a glória pessoal? Que orgulho é este, existente no indivíduo, que traz guerras e miséria, conflito e confusão? Uma nação é a glorificação do "eu", sendo, consequentemente, a criadora da luta e do sofrimento.

P e r g u n t a : Sinto-me sobremodo atraído pelo sexo e ao mesmo tempo temeroso dele. Isto se tornou para mim um problema torturante. Como poderei resolvê-lo?

K r i s h n a m u r t i : Torna-se o sexo um problema absorvente, porque deixamos de ser criadores. Moral e intelectualmente, permane-

cemos simples máquina de imitação; religiosamente, somos apenas copiadores, aceitamos a autoridade e agimos como narcotizados. Nossa educação limita-nos, nossa sociedade, sendo competidora, consome-nos; os cinemas, rádios, jornais estão contìnuamente a dizer-nos o que pensar, estimulando-nos de modo sensual e falso. Estamos em constante busca de agitação e por ela somos incessantemente excitados. Assim, encontramos no sexo um desafogo e, por isso, tornou-se ele um problema torturante.

Fazendo-nos plenamente conscientes, traremos à luz do entendimento o hábito do pensar repetidor, o qual consideramos o verdadeiro pensar. Observando-o, examinando-o objectivamente, sem rigor, com abstração de todo julgamento, começaremos a despertar a compreensão criadora. Este é o meio de desembaraçarmos o pensamento-sentimento de todos os empecilhos e limitações. Uma vez ciente de tal processo, podemos aplicá-lo a todos os nossos problemas, assim os triviais como os complexos, pois ele nos facultará entendimento. É essencial, portanto, compreendermos isto. Repelir ou aceitar, julgar ou comparar, significando identificação, impede o pleno desabrochar do pensamento-sentimento. À proporção que o mesmo fluir e sem com ele vos identificardes, deveis segui-lo penetrantemente, estudá-lo e senti-lo tão ampla e profundamente quanto possível, visto que as-

sim descobrireis seu inteiro e íntimo conteúdo. Dessa maneira é que a mente apoucada, insignificante, enclausurada em si mesma, rompe as próprias limitações e barreiras que a si impôs. Nesse processo de esclarecimento há alegria criadora.

Eis como deveis resolver o problema da luxúria. Porque, como disse, a simples inibição ou supressão não o soluciona; age apenas como maior factor de excitação e perturbação, fortalecendo o processo do "eu" e d"o meu", aprisionador do próprio indivíduo. Percebei larga e fundamente a questão, e, assim, descobrir-lhe-eis a causa. Não vos identifiqueis com a causa, julgando-a ou comparando-a, condenando-a ou aceitando-a, mas observai como se expressa de múltiplas maneiras; penetrai-a, considerando-a e sentindo-a plena e inteligentemente, com equanimidade e tolerância. Com essa larga percepção, resolve-se e transcende-se o problema.

É preciso distinguir entre o dominar a sensualidade e o estado de não-sensualidade. No estado de não-sensualidade, o pensamento-sentimento já não é escravo dos sentidos, ao passo que o dominar simplesmente a sensualidade significa ser por ela dominado. A percepção, origem do entendimento criador, liberta o pensamento-sentimento da luxúria, mas encontrar substituições para a mesma é continuar a ser luxurioso. Sòmente pelo pensar correcto pode-

mos evitar o conflito e a aflição. A não ser, porém, com a autognose, não pensaremos correctamente. Com vigilância constante se descobrem as modalidades do "eu", e é esse descobrimento que liberta, que é criador. O amor é casto, mas a mente que planeja ser casta não o é.

Pergunta: Não pensa o senhor haver na vida um princípio de destruição, uma vontade cega, inteiramente independente do homem, sempre latente, pronta para entrar em acção e que jamais poderá ser ultrapassada?

Krishnamurti: Sabemos, com certeza, da existência em nós destas duas faculdades opostas: a de destruir e a de criar, de ser bom e de ser maléfico. São elas independentes entre si? É a vontade de destruir separada da vontade de viver, ou a vontade de viver, de vir a ser, é em si mesma um processo de destruição? Que é que nos faz destruir? Que nos torna coléricos, ignorantes, brutais? Que é que nos impele a matar, a buscar vingança, a enganar? É uma vontade cega, qualquer coisa sobre a qual não temos domínio absolutamente — chamemo-la "demónio" — uma força do mal independente, ou uma ignorância incontrolável? É destituído de sentido o impulso para destruir, ou exprime ele a reacção a uma solicitação mais profunda para viver, para existir, para vir a

ser? Tratar-se-á de uma reacção que jamais será ultrapassada, ou é possível examiná-la e compreendê-la reduzindo-se-lhe a rapidez? (É possível reduzir a rapidez de uma reacção.) Ou existirá um ponto obscuro que nunca poderá ser examinado, um resultado da hereditariedade, uma força que condicionou de tal forma nosso pensar que somos incapazes de observá-la? E assim pensamos existir um poder de destruição, do mal, que não podemos transcender.

Certamente, tudo que foi criado, formado artificialmente, pode ser compreendido pelos seus criadores. O processo duplo de bem e mal está em nós para criar e destruir. Criamo-lo e, assim, podemos compreendê-lo; mas, para tanto, precisamos ter a faculdade de observar-nos sem paixão, o que requer grande vigilância e flexibilidade na percepção. Podemos ainda dizer existir em nós, em estado potencial, a maldade, poder em si mesmo destruidor; que, embora possamos ser afectuosos, generosos, compassivos, esse poder, como o fenómeno do terremoto, completamente impessoal, busca uma erupção ocasional. E que, como sobre um terremoto, sôbre os actos da natureza, não temos domínio, assim também sobre esse poder não exercemos nenhuma influência.

Será exacta tal conclusão? Não podemos, pela compreensão de nós próprios, perceber as causas interiores que nos levam a criar e a des-

truir? Se primeiro clarearmos a confusão existente na camada superficial da mente consciente, as camadas mais profundas da consciência, com seu conteúdo, poderão nela projetar-se, desanuviada e esclarecida como ficou. Ocorre o esclarecimento da camada superficial quando o pensamento-sentimento já não se identifica com o problema, mas permanece apartado dele, e, por consequência, em condições de observar sem comparação ou julgamento. Só assim pode a mente consciente descobrir o verdadeiro. Portanto, podeis comprovar por vós mesmos se há em vós elemento destruidor que escapa de todo ao vosso controle. Então concluireis efectivamente se é o resultado do condicionamento ou da ignorância, ou um ponto obscuro ou uma força má, independente e incontrolável. Sòmente então podeis verificar se sois, ou não, capaz de superá-la.

Quanto mais vos compreenderdes e por conseguinte pensardes correctamente, tanto menos descobrireis a existência de qualquer tendência, ignorância, ou força interior impossível de transcender. Sobrevir-vos-á então um êxtase oriundo da compreensão, da sabedoria. Tal êxtase não é a fé nem a esperança do crente. Compreendendo-nos completamente e criando assim a faculdade de perscrutar o nosso íntimo, veremos não existir nada que não possa ser examinado ou entendido. Do autoconhecimento

vem a compreensão criadora: é por não compreendermos a nós próprios que há ignorância. O que foi criado pelo pensamento pode, por ele, ser transcendido.

P e r g u n t a : *Por que existem no mundo tantas pessoas loucas, desequilibradas?*

K r i s h n a m u r t i : Que civilização construímos nós? Uma civilização resultante do anseio e cujo factor predominante é a satisfação dos sentidos. E, havendo ela criado um mundo em que predominam os valores sensitivos, as sensibilidades criadoras são naturalmente destruídas, pervertidas ou obstruídas. As coisas materiais não propiciam libertação e daí recorrerem os indivíduos, consciente ou inconscientemente, à criação de ilusões, que os levam ao isolamento. A menos que os bens temporais cedam lugar aos valores eternos, teremos ilusões e luta, confusão e guerra. Para suscitar uma alteração fundamental de valores, precisamos tornar-nos reflectidos e abandonar os valores atribuídos pelo "eu", pelo anseio, mediante a percepção constante e o autoconhecimento.

P e r g u n t a : *Sinto-me em intensa solidão. Parece-me impossível transpor tal miséria? Que devo fazer?*

K r i s h n a m u r t i : Esse problema não é só de um indivíduo, pois todo o pensamento humano se sente solitário. Se pudéssemos considerar e sentir isso plena e profundamente, seríamos capazes de transcendê-lo. Como hei explicado, através do desejo criamos em nós próprios um processo dual, donde surge o "eu", "o meu", a individualidade e a não-individualidade, "meu" trabalho, "minhas" realizações, e assim por diante. Criado pelo anseio esse processo contraditório do "eu" e do "não-eu", seu natural efeito é o insulamento, a solidão completa. Nas relações, na acção, se houver pensamento-sentimento que a si mesmo se enclausure, forjará ele próprio muralhas de isolamento, causadoras de intensa solidão.

O desejo engendra o temor, o temor nutre a dependência, seja de coisas, seja de pessoas ou ideias. Quanto maior a dependência, tanto maior a pobreza íntima. Tornando-vos conscientes dessa pobreza, dessa solidão, procurais enriquecê-la, tentais preenchê-la com conhecimentos ou actividade, divertimento ou mistério. Quanto mais tentardes preenchê-la, cobri-la, mais fundamente enterrada ficará a causa real da solidão. O "eu" é insaciável e não há como satisfazê-lo. Semelha uma vazilha quebrada, um poço sem fundo que nunca se encherá.

Ao perceberdes como o pensamento-sentimento forja sua própria prisão e dependência,

ficando assim insulado; cientificando-vos do cultivo dos valores sensuais, que geram inevitàvelmente a pobreza interior, nessa percepção mesma, nessa ampla e meditativa compreensão descobrireis a riqueza indestrutível. Da contínua percepção, adequadamente desenvolvida e cada vez mais ampla e penetrante, advirá a serenidade e o contentamento da suprema sabedoria.

Ojai, 25-6-44.

VIII

Tratamos nas palestras anteriores de como desenvolver a faculdade de se descobrir o verdadeiro, essa coisa única em que há serenidade e paz criadora. Tal faculdade se desenvolve, como já expliquei, através do pensar correcto, diferente do pensamento correcto ou condicionado. Tornando-nos vigilantes, damos com o conflito da dualidade, o qual, se não o compreendermos profundamente, determinará esforços em sentido erróneo. Consiste o esforço acertado em o pensamento-sentimento libertar-se a si mesmo do conflito do mérito e do demérito, do vir a ser e do não vir a ser. Para se desenvolver a percepção da verdade deve haver franqueza, integridade de compreensão, e estas nascem apenas da humildade. A virtude, como hei acentuado, não está no desenvolver qualidades, pois isto significa cultivar os opostos, gerando assim o esforço erróneo: ela surge com o libertar o pensamento-sentimento do desejo.

Já estudamos também o problema das relações humanas, da dependência, do medo e do amor; vimos igualmente como libertar o pensamento-sentimento da dependência e do medo, corruptores do amor.

Agora, conforme antecipei, procuraremos compreender em que consiste a vida simples. Vida simples é a libertação do espírito de aquisição, das práticas habituais e das distrações. Libertando-nos do espírito de aquisição, compreenderemos o que faz nascer em nós o conflito da cupidez e da inveja. Quanto mais adquirirmos, tanto maior será a necessidade de possuir, e reprimir essa necessidade com o dizer: "não adquirirei", de maneira nenhuma resolverá o problema da cobiça e da inveja. Mas, observando e percebendo o processo da aquisição e da inveja em todas as diferentes camadas de nossa consciência, principiaremos a compreender a profundeza do seu significado e tudo que ele implica económica, social e internamente. Esse estado de luta pela aquisição, esse interesse de posse competidor não conduz à vida simples, necessária à compreensão do real. Assim, se vos tornardes conscientes da avidez e de seus consequentes problemas, sem vos colocar em oposição a ela e, portanto, sem desenvolver a qualidade oposta — o espírito de não aquisição — ou seja outra forma de avidez, principiareis

a perceber o seu mais amplo e profundo conteúdo.

Começareis então a compreender que uma mente colhida na cupidez e na inveja não pode conhecer a bem-aventurança da verdade. Presa ao conflito do vir a ser, do tornar-se alguma cousa, e pensando em termos de comparação, não pode a mente competidora descobrir o real. O pensamento-sentimento em estado de intensa vigilância encontra-se no processo de constante descoberta de si mesmo, que, sendo verdadeira, é libertadora e criadora. Esse descobrimento liberta-nos do espírito de aquisição e da complexa vida do intelecto, na qual há satisfação em práticas como a curiosidade destruidora, a especulação, o simples conhecimento, a capacidade, a tagarelice e outras mais, impedidoras da simplicidade do viver. Uma prática constante, uma especialização, aguça a mente e torna-se um meio de focalizar o pensamento, mas não é o florescer do pensar e sentir na realidade.

Libertar-nos da distração é mais difícil, pois não compreendemos plenamente o processo de pensar e sentir que, em si mesmo, se tornou o meio de distração. Incompleto como sempre é, susceptível de curiosidade especulativa e de formulação, tem ele o poder de criar as próprias limitações e ilusões, que obstam à percepção do real. Deste modo, sua diversão se torna seu pró-

prio inimigo. Como a mente tem a faculdade de criar ilusões, essa propriedade deve ser compreendida, a fim de poder libertar-se integralmente das diversões por ela mesmo criadas. A mente deve permanecer inteiramente tranquila, silenciosa, pois todo pensamento se faz uma distração. O desejo é o factor transfigurante das coisas e, sendo assim, como pode a mente passível de iludir-se conhecer o simples, o real? Enquanto o desejo, em suas múltiplas formas, não for compreendido e transcendido, não haverá a alegria da vida interior, simples e plena. Se derdes atenção às diversões externas e lhe penetrardes até a causa, que é interna, então o pensamento-sentimento, que por si se tornou o meio da própria fuga, a causa mesma da ignorância, libertar-se-á do cipoal das distrações. Percebendo as distrações externas — posses, relações, recreios, prazeres, práticas predilectas — e meditando-as e sentindo-as em sua inteira significação, descobriremos as internas: fugas, conhecimento, especulações, crenças protectoras, memórias, etc. Com a percepção de ambas, as externas e as internas, surgirá uma compreensão profunda e só então haverá um abandono natural e fácil de todas. Se o pensamento-sentimento disciplinar-se a fim de se não distrair, tal coisa impedirá a compreensão da natureza e causa da distração e, em consequência, a

própria disciplina se tornará uma fuga, um meio de divagar.

Não consiste a vida simples na mera posse de poucas coisas, mas na libertação da posse e da não-posse e na indiferença às coisas, advinda da compreensão profunda. Renunciar simplesmente às coisas para alcançar maior felicidade e alegria que a que nos são propiciadas, é buscar recompensa, e esta limita o pensamento e o impede de florescer e descobrir a realidade. Controlar o pensamento-sentimento com o fito de conseguir recompensa e resultados maiores é torná-lo mesquinho, ignorante e aflito. A simplicidade de vida resulta da riqueza interior, da libertação interna do desejo, do espírito de aquisição, das práticas costumeiras e das distrações.

Da vida simples surge esse firme e necessário propósito oriundo, não da concentração mental exclusiva e limitante, mas da percepção ampla e do entendimento meditativo. A vida simples não resulta das circunstâncias exteriores; o contentar-se com pouco vem da riqueza do entendimento interior. Se dependerdes das circunstâncias para viverdes satisfeitos, criareis miséria e caos, porque sereis um joguete do ambiente; só se transcenderdes as circunstâncias pela compreensão é que haverá ordem e clareza. Permanecendo constantemente alerta para o processo do espírito de aquisição, para as prá-

ticas habituais, para as distrações, libertar-nos-emos deles e assim passaremos a viver uma vida simples e verdadeira.

P e r g u n t a : *Meu filho foi morto nesta guerra. Tenho outro de doze anos e não quero perdê-lo, também, em outra catástrofe. Como poderá ser impedida uma nova guerra?*

K r i s h n a m u r t i : Essa pergunta deve ser a de toda mãe e todo pai, pelo mundo fora, pois se trata de um problema universal. E imagino que preço os pais não pagariam para impedir outra guerra, para evitar que seus filhos fossem mortos, para obstar este aterrador assassínio humano; avalio o que realmente sentem ao declararem que amam os filhos, que a guerra deve ser evitada, que deve haver fraternidade e encontrar-se um meio de pôr fim às guerras.

Para criar-se nova forma de vida, faz-se mister uma maneira nova e revolucionária de pensar-sentir. Tereis outra guerra, sereis forçados a tal, se estiverdes pensando em termos de nacionalidades, de preconceitos raciais, de fronteiras económicas e sociais. Se cada um considerasse realmente em seu coração como impedir outra guerra, poria à margem sua nacionalidade, sua religião, sua avidez e ambição. Porque, se o não fizerdes, haverá outra guer-

ra, visto como esses preconceitos e a adesão às religiões são apenas expressões externas de vosso egoísmo, de vossa ignorância, malevolência e luxúria.

Mas respondereis ser necessário muito tempo para cada um de nós se modificar e, dessa forma, convencer a outrem desse ponto de vista; acrescentareis que a sociedade não está preparada para receber tal ideia, que na mesma não estão interessados os políticos e que os dirigentes são incapazes de conceber um governo ou Estado único, universal, sem sòberanias separadas. Podereis dizer ainda que um processo evolutivo é que, gradualmente, produzirá a alteração necessária. Se replicásseis assim ao pai extremoso cujo filho fosse desaparecer em outra guerra, pensais que ele teria esperança nesse processo gradual de evolução? Ele desejaria salvar o filho, desejaria saber qual o caminho mais seguro de pôr cobro às guerras. Não se satisfaria com o vosso processo gradual de evolução.

Será verdadeira essa teoria de evolução gradual para a paz, ou foi inventada por nós para racionalizar o nosso pensamento-sentimento, que é indolente e egoísta? Não é incompleta e, portanto, falsa tal teoria? Pensamos ser necessário passar por vários estados, ou sejam a família, o agrupamento, a nação, a internacionalização e que sòmente assim conseguiremos a paz. É ape-

nas uma justificação do nosso egoísmo e pequenez, fanatismo e preconceito. Em lugar de varrermos esses perigos, inventamos uma teoria de crescimento progressivo e a ela sacrificamos a felicidade alheia e de nós próprios. Se aplicarmos a mente e o coração à moléstia da ignorância e do egoísmo, criaremos um mundo são e feliz.

Não devemos pensar e sentir horizontalmente, e sim verticalmente. Isto é, em lugar de seguirmos o curso do pensamento-sentimento preguiçoso, egoísta e ignorante, como é o do gradualismo, de esclarecimento lento através do tempo; em vez de continuarmos nessa corrente de miséria e conflito ininterruptos, de constantes assassínios em massa e um período de descanso, — chamado paz — e um eventual paraíso terrestre; longe, em suma, de pensarmos e sentirmos em linhas horizontais, — por que não o fazemos verticalmente? Não será possível libertar-nos desse ritmo de continuidade horizontal, de confusão e luta, e pensar e sentir fora dele, de maneira nova e sem noção de tempo, i.e., verticalmente? Não poderemos pensar e sentir directamente, com simplicidade, sem a ideia de evolução, que auxilia a racionalizar a nossa indolência e protelação? O amor materno pensa e sente directamente e com simplicidade, mas o egoísmo, o orgulho nacional e outras coisas mais concorrem para que as mães pensem e sin-

tam em termos de gradualismo, ou seja horizontalmente.

O presente é eterno, nem o passado nem o futuro pode revelá-lo; só através do presente é alcançável o infinito. Se realmente desejais salvar vosso filho, e portanto a humanidade, de outra guerra, deveis então pagar o preço correspondente: não ser ambicioso, não ser malevolente, nem mundano; porque a luxúria, a malevolência e a ignorância geram conflito, confusão e antagonismo, bem como o nacionalismo, o orgulho e a tirania da máquina. Se estiverdes dispostos a libertar-vos da lascívia, da malevolência e da ignorância, então salvareis vosso filho de outra guerra. Para suscitar felicidade universal, para extinguir o assassínio colectivo, precisa haver completa revolução interna do pensamento-sentimento, o que produzirá uma nova moralidade, moralidade não de natureza sensitiva, mas consistente na libertação da sensualidade, das coisas materiais e transitórias, do anseio de imortalidade pessoal.

P e r g u n t a : Falais em percepção meditativa, mas nunca vos referis à prece. Sois contrário a ela?

K r i s h n a m u r t i : Na oposição não há entendimento. Geralmente fazemos preces para

suplicar algo e essa forma de oração cultiva e fortalece a dualidade, a do observador e observado, que constituem um só fenómeno. Apenas com o desaparecimento dessa dualidade existirá o todo. Por muito que pedirdes, obtereis de acordo com vossa solicitação, mas isto não tem relação com o real. O resultado de um desejo está no próprio desejo. Só quando a mente-coração está completamente calma, totalmente silenciosa, há o todo, o eterno.

Não há muito, declarou-me alguém haver rezado e que um de seus pedidos a Deus fora um refrigerador. (Por favor, não riais.) E conseguiu não sòmente um refrigerador, mas também uma casa; e assim suas orações, afirmava tal pessoa, tinham sido atendidas e Deus era uma realidade.

Implorando, recebereis, porém algo tereis de pagar por isso; a resposta será acorde com vossa imploração, mas haverá um preço para ela. A cobiça responde à cobiça. Se pedirdes por cobiça, por temor, por desejo, obtereis o desejado, mas deveis pagar por isso e o fazeis através das guerras, da luta e da miséria. Os séculos de cupidez, crueldade, malevolência e ignorância se manifestam quando os ensejais com actos dessa natureza. Desse modo, orar, sem possuir o conhecimento de si próprio, sem compreensão, é desastroso. A percepção meditativa, como

hei acentuado, deriva da autognose, (1) a única base para o correcto pensar. É isto que liberta a mente-coração do processo dual do observador e observado, porque ambos constituem um fenómeno apenas, uma só ocorrência. O observador está sempre condicionando o observado, sendo extremamente difícil ultrapassar essa dualidade, transcender o que foi criado. O pensador e seu pensamento, como dualidade, devem desaparecer, para surgir o Eterno.

Várias vezes tenho explicado como esclarecer a confusão existente entre o observador e o observado, o pensador e seu pensamento, mediante o conhecimento de nós próprios e o correcto pensar. A não nos esclarecermos, o observador sempre condicionará o observado e, assim, não poderá ultrapassar a si mesmo, tornando-se, portanto, prisioneiro de sua própria ilusão. Para compreender o incriado, o não artificial, o pensamento-sentimento deve transcender aquilo que foi criado, o resultado, o "eu"; deve cessar de rogar, de adquirir, de se distrair com qualquer forma de rito e memória. Com a devida experimentação, vereis quão extremamente difícil é para o pensamento permanecer totalmente livre de sua própria garrulice e criação. E só com essa libertação, só quando o observador e o observado desaparecem, há o Imensurável.

---

(1) Conhecimento de si próprio.

Pergunta: Tenho feito as anotações sugeridas pelo senhor, porém vejo que não posso ir além dos pensamentos banais. Dar-se-á isso por que a mente consciente recusa reconhecer os anseios e solicitações subconscientes e recorre assim a uma vaga obstrução?

Krishnamurti: Para a mente se tornar mais vagarosa e facultar o exame do processo de pensar e sentir, sugeri a anotação de *cada* pensamento-sentimento. Se, por exemplo, desejamos compreender uma máquina sobremodo veloz, precisamos reduzir-lhe a celeridade, não pará-la, pois ela se tornaria matéria morta, mas fazê-la girar suavemente, lentamente, a fim de lhe estudarmos a estrutura, o movimento. Da mesma forma, se desejamos compreender a nossa mente, devemos retardar o pensar, não paralisá-lo, mas torná-lo vagaroso, a fim de podermos estudá-lo, segui-lo em toda a extensão. E, para tal, sugeri se anotasse *cada* pensamento-sentimento. Não é possível, todavia, anotar cada pensamento e cada sentimento, pois eles são inúmeros, porém, se tentardes registrar alguns cotidianamente, logo principiareis a conhecer-vos, a cientificar-vos das múltiplas camadas de vossa consciência e de sua inter-relação e correspondência. Essa percepção é difícil, mas, para irdes longe, tendes de começar por aquilo que está próximo.

Acha o interrogante serem banais os seus pensamentos e que não pode sobreexcedê-los; e deseja saber se essa trivialidade promana de uma fuga aos anseios e solicitações mais profundos. Em parte sim, mas também porque os nossos pensamentos e sentimentos são fúteis, rotineiros, insignificantes em si próprios. A raiz da compreensão encontra-se através do insignificante, do vulgar; a não ser com o entendimento do insignificante, o pensamento-sentimento não pode ir além de si mesmo. Deveis tornar-vos cônscios de vossas trivialidades, limitações e preconceitos, a fim de compreendê-los e sòmente o conseguireis com humildade, quando não houver julgamento ou comparação, aceitação ou recusa. Se o fizerdes, iniciar-vos-ei na sabedoria. Sendo vulgar o comum dos nossos pensamentos-sentimentos, porque então não reconhecer e compreender a causa fundamental — o "eu" — o resultado de vasta e vã ignorância? Seguindo um fino veio, podeis chegar a extrair riquezas; de modo análogo, se derdes atenção ao que é trivial, se o meditardes e sentirdes plenamente, descobrireis tesouros profundos. O insignificante pode ocultar o profundo, mas cumpre examiná-lo, porquanto o estudo do trivial promete-nos algo mais distante. Por conseguinte, não afasteis os pensamentos-sentimentos fúteis, antes fazei-vos cônscios de *cada* um deles, visto como encerram todos um significado.

Ocorrem as obstruções, ou porque a mente consciente não deseja responder às solicitações mais secretas, que podem determinar uma forma de acção diferente, produzindo perturbação e dor, ou porque ela é incapaz de pensar e sentir com mais amplitude e profundeza. Se o for por ausência de capacidade, só é possível criá-la mediante contínua e persistente vigilância, mediante a pesquisa, a observação e o estudo.

Sugeri a anotação de cada pensamento-sentimento apenas como um *meio* de desenvolver uma percepção ampla e completa, diversa da concentração exclusiva e daquela que enclausura e isola o próprio indivíduo. Essa percepção integral não advém com o mero julgar ou comparar, repelir ou aceitar, mas com o entendimento.

Pergunta: Que garantia há de surgir realmente a nova faculdade aludida pelo senhor?

Krishnamurti: Lastimo ter de dizer que nenhuma absolutamente! Isso, evidentemente, não é emprego de capital. Se estiverdes buscando certeza, encontrareis morte; já se vos sentis incertos, permanecendo na esfera da tentativa e da investigação, desvendareis o real. Desejamos estar garantidos, certos do resultado, antes até da experimentação, pois so-

mos indolentes e levianos e não queremos empreender a longa jornada da descoberta de nós mesmos. Não nos aplicamos, desejamos nos seja dado o esclarecimento em troca do nosso esforço, indicando isso segurança de posse. No entanto, no estado de segurança, não se descobre o real; a busca de segurança visa a proteger o próprio "eu" e este contém ignorância e aflição. Para se compreender e descobrir o real, deve haver o abandono do "eu": é necessária a compreensão negativa, para se alcançar aquilo que paira além de todos os subterfúgios do "eu". Na busca do autoconhecimento o que se descobre é verdadeiro e essa verdade é que é libertadora e criadora, e não a minha garantia de que vos libertareis, o que seria completa insensatez. Estamos em conflito, em confusão, em aflição; é, pois, este sofrimento, e não qualquer promessa de recompensa, que deve ser a força impulsionadora da busca, da pesquisa, do descobrimento da realidade. Devemos todos empreender essa busca e precisamos cultivar a autognose mediante a constante vigilância de nós próprios. O pensar exacto dimana do autoconhecimento, o único factor capaz de propiciar compreensão e paz. A cupidez distancia-nos da meta.

P e r g u n t a : Será erróneo ter um Mestre, um instrutor espiritual em outro plano de existência?

K r i s h n a m u r t i : Tenho respondido à mesma pergunta, formulada de modos vários, em diversas ocasiões, porém, figura-se-me serem poucos os que desejam compreender. A superstição é difícil de extirpar, porquanto a mente a cria e se torna sua prisioneira.

Como é custoso descobrir a verdade naquilo que se lê, nas relações diárias e no pensamento de cada um! O preconceito, as tendências e o condicionamento ditam-nos a escolha. Para se descobrir a verdade, tudo isto deve ser posto à margem; a mente deve desembaraçar-se dos pensamentos-sentimentos limitados, que a ela própria restringem. Descobrir o verdadeiro em nossos pensamentos-sentimentos é extremamente difícil e mais ainda o é discerni-lo em um suposto mundo espiritual! Se é dificílimo encontrar um instrutor, um guia, no mundo físico, muito mais complexa, enganadora e perturbante será a busca de um instrutor no chamado mundo espiritual, no outro plano de existência. Ainda que um imaginário instrutor espiritual vos escolhesse, seríeis vós realmente quem escolheria, não o instrutor. A não vos compreenderdes neste mundo de acções recíprocas, luxúria, malevolência e ignorância, como podereis confiar em vossas suposições, em vossa capacidade de discernir, em um hipotético mundo espiritual! Se não vos conhecerdes, como podereis distinguir o verdadeiro? Como podereis sa-

ber se não foi a vossa mente, com o poder de criar ilusões, que criou o Mestre, o instrutor? Não será a vaidade que vos leva a buscar o Mestre e a fazer-vos escolhido?

Há uma história sobre um discípulo que pediu a um instrutor o conduzisse ao Mestre. O instrutor prometeu fazê-lo, porém, sob a condição de o discípulo cumprir à risca as ordens transmitidas. O discípulo ficou encantado. Durante sete anos, disseram-lhe, devia habitar numa caverna próxima e seguir as determinações do instrutor. No primeiro ano, mandaram-no sentar quieto e pacìficamente, permanecendo concentrado; no segundo ano, ordenaram-lhe convidasse o Mestre a entrar na caverna; no terceiro, que fizesse o Mestre sentar-se ao seu lado; no quarto, que falasse a ele; no quinto, que o convidasse a passear pela caverna; no sexto, que o fizesse partir. Após o sexto ano, o instrutor pediu ao discípulo que saísse da caverna e disse-lhe: "Agora sabeis quem é o Mestre."

Dispõe a mente do poder de criar ignorância ou de discernir a verdade. Na busca do Mestre, há sempre o desejo de obter algo e, daí, o temor; e a mente que tem em mira uma recompensa, ocasionando destarte o temor, não pode compreender o verdadeiro. É o cúmulo da ignorância pensar em termos de recompensa e castigo, de superior e inferior. Demais, pode al-

guém ajudar-vos a descobrir o verdadeiro em vossos próprios pensamentos-sentimentos? Pode-vos ser dada uma indicação, mas vós mesmos tendes de buscar e descobrir a verdade.

Se esperardes que outrem vos salve da ignorância e do sofrimento, deste mundo bárbaro e caótico, só criareis mais confusão e malevolência, mais ignorância e sofrimento. Sois responsáveis pelos vossos pensamentos, sentimentos e acções; vós apenas podeis trazer clareza e ordem e vos salvar de vós próprios; sòmente pela vossa compreensão transcendereis a cobiça, a malevolência e a ignorância.

Todos aqui, espero, estão procurando achar o real, o imperecível, sem se deixarem levar pela beleza dos santuários, pelo atractivo do guia, pelo ritualismo. Autoridade nenhuma vos conduzirá à realidade derradeira, que se acha tanto no início como no fim do autoconhecimento. Não vos detenhais diante dos guias, nem vos prendais à pequenez dos grupos, nem vos enamoreis dos cânticos, do incenso e dos ritos. Confiar em outrem para conhecerdes a vós próprios é aumentar a ignorância, porquanto o outro sois vós mesmos. A raiz do entendimento está oculta em vós. É no pensar correcto, na humildade, na compaixão, na vida simples que se encontra a percepção do verdadeiro, e não na autoridade de outrem. Esta, por grande que seja, conduz a maior ignorância e aflição.

Ojai, 2-7-44.

IX

Em qualquer época, em especial nas de muito sofrimento e confusão, releva descobrir por nós mesmos a compreensão e alegria interior e fecunda. Temos de achá-las individualmente, mas a busca dos prazeres materiais, a prosperidade e o poder pessoal, em suas diferentes formas, impedem a paz e a felicidade criadoras. Se utilizarmos as energias para a satisfação dos sentidos, inevitàvelmente forjaremos valores que trarão prosperidade e mundanismo, porém com isto virá a guerra, a confusão e a dor. Procurando a imortalidade pessoal, alimentamos a cobiça do poder, expresso através da nacionalidade, da raça, da economia, etc., originando-se daí as grandes calamidades, com as quais estamos todos familiarizados.

Versamos tais questões nas últimas oito palestras. Como vimos, é preciso compreender a nós mesmos, porquanto, assim, começaremos a pensar correctamente e, em consequência, a des-

cobrir o significado do viver profundo e criador, alcançando o imensurável.

Para viver plena e criadoramente faz-se mister a autognose, conhecimento esse que demanda franqueza e humildade, amor e pensamento livre de medo. A virtude encontra-se na libertação do desejo, e o desejo traz a multiplicidade e a repetição, fazendo a vida complexa, atormentadora e cheia de sofrimento.

A vida simples, como já expliquei, não se resume no possuir poucas coisas, senão no modo justo de prover a subsistência e no libertarmonos das distrações, das práticas habituais e do interesse de posse. Libertando-nos do espírito de aquisição, suscitaremos os meios correctos de viver, pois existem certos meios evidentemente erróneos, constituídos pela cupidez, pela tradição, pelo desejo de poder. Ainda nesta época, em que todos se acham presos a determinada espécie de trabalho, é possível encontrar a actividade correcta. Cada qual deve tornar-se cônscio dos problemas decorrentes da actividade errónea, com seus infortúnios e misérias, rotina cansativa e processos mortíferos. Não é necessário saber, por nós mesmos, qual o meio exacto de manter-nos? A sermos avarentos, invejosos, ávidos de poder, nossa maneira de sustentar-nos corresponderá às solicitações internas, produzindo assim um mundo de com-

petição, impiedade e opressão, estado esse que redundará em guerra.

É, pois, imperioso medite cada um acerca do seu problema; talvez não vos seja possível fazer qualquer coisa imediatamente, mas, pelo menos, podereis considerá-lo e senti-lo sèriamente, o que trará a própria acção. O talento e a capacidade têm perigos peculiares e, a não permanecermos alerta, a eles nos escravizaremos. Essa escravidão gera acção anti-social, causando a miséria e destruição do homem. Sem a compreensão correcta, o talento e a capacidade tornam-se um fim em si mesmos e provocam o infortúnio a quem os possui e a seus semelhantes.

Sem descobrir-se e compreender-se o real, não pode haver paz nem alegria criadora; nossa vida será uma luta e sofrimento constantes; nossos actos e relações não terão significado; a legislação e a compulsão externas jamais produzirão as riquezas interiores, imperecíveis. Para compreender o real, urge inteirar-nos do nosso processo de pensar, do funcionamento da memória e das camadas inter-relacionadas da consciência. Nosso pensamento resulta do passado e nosso ser neste se alicerça; o organismo e o pensamento humano constituem reproduções. Podemos compreender as reproduções orgânicas que somos e, fazendo-o, perceber-lhes-emos as reacções, seu modo imitador de agir e reagir. E, se o nosso pensamento-sentimento expressa

simples imitação, se deriva apenas da tradição e do ambiente, dificilmente o superaremos. Porém, reconhecendo e apreendendo como as influências do meio limitam e moldam o nosso pensar, e ultrapassando tais restrições, verificaremos então haver um estado livre da imitação e revelador do real.

Uma imitação, uma coisa composta, como é a individualidade, jamais entenderá aquilo que não é artificial, o incriado. Sòmente quando a imitação, a personalidade, o "eu" e "o meu" desaparecem é que se manifesta o êxtase do imperecível. O indivíduo pensa e sente em termos de aquisição, de acúmulo e experiência, ou seja em termos do passado, do futuro ou da continuidade do presente. Esse processo de acumular da memória fortalece a individualidade, causa da ignorância e do sofrimento. Não compreendendo as modalidades do "eu", os que têm inclinações políticas e sociais prontificam-se a sacrificar o presente na esperança de criar, no futuro, um mundo melhor; outros desejam a continuação do presente e alguns vivem com o olhar para o passado. No entanto, a não compreendermos e transcendermos a individualidade, o "eu", tais acções devem todas terminar desastrosamente. Cientificando-nos do processo do "eu" e de sua memória cumulativa, principiaremos a compreender-lhe a propriedade de se prender ao tempo, a compreender-lhe o anseio de identificação con-

tínua. Enquanto não percebermos a natureza do "ego", enquanto não lhe ultrapassarmos a propriedade de se limitar ao tempo, não lograremos paz nem felicidade. Assim como for o indivíduo, assim será o ambiente político e social.

É o característico próprio da individualidade de, com a memória que a identifica, ficar limitada ao tempo, que devemos estudar, compreender e deste modo transcender. O desejo, notadamente o desejo de prazer, é individualista, e é a memória que, com ele identificada, dá continuidade ao "eu" e a "o meu". O pensamento-sentimento, em ininterrupto movimento, em fluxo constante, ao se identficar com o "eu" e "o meu", liga-se ao tempo e dá, por identificação, continuidade à memória, à individualidade. É esta memória, sempre a crescer e multiplicar-se, que deve ser abandonada. É ela a causa da imitação, de o pensamento mover-se do conhecido para o conhecido, impedindo assim o alcance da verdade, do incriado. A memória precisa de tornar-se como uma concha despojada do organismo vivo nela existente. Para desvendarmos a realidade incognoscível, temos de transcender a propriedade do "eu" de aprisionar-se ao tempo, transcender a memória identificadora. É isto uma tarefa dificílima. Com a vigilância meditativa, o processo limitante da memória pode ser compreendido; permanecendo constantemente cônscios de cada pensamento-sentimento, observaremos e

compreenderemos o desejo de identificação. Assim, através de passiva, mas intensa vigilância, o pensamento-sentimento se liberta do atributo da memória, que tem o "eu" e "o meu", de se prender ao tempo. Sòmente quando a individualidade deixa de criar, há o incriado.

Pergunta: No Bhagavad Gita, Krishna incita Arjuna a entrar na batalha. Vós aconselhais meios exactos para fins exactos. Opondes-vos, assim, aos ensinamentos de Krishna?

Krishnamurti: Talvez algum de vós não conheça esse livro: trata-se do livro sagrado dos indus, no qual Krishna, suposta manifestação de Deus, instiga Arjuna, o guerreiro, a entrar na luta. Ora, o interrogante deseja saber se sou contrário ao ensinamento de incitar Arjuna ao combate. É ele passível de muitas interpretações, porém todas são discutíveis. Delas poderíamos cogitar, mas não desejo perder-me em vãs especulações. Pensemos e sintamos sem o fardo entorpecedor da autoridade espiritual, pois tal proceder é de precípua importância para o entendimento da realidade.

Aceitar autoridade, especialmente em questões concernentes ao pensar correcto, é completa insensatez. A autoridade limita, constitui empecilho e sua adoração é egolatria. Forma de in-

dolência e de irreflexão, conduz à ignorância e à dor.

Em regra, desejamos um mundo de paz e fraternal, isento da crueldade e da guerra, mundo em que exista a bondade e a tolerância. Porém, como o alcançaremos? Desígnios exactos, é evidente, demandam meios exactos. Se desejardes encontrar tolerância, "vós" mesmos deveis ser tolerantes, "vós" deveis alijar a intolerância. Se quiserdes que haja paz, "vós" deveis utilizar processos consentâneos a estabelecê-la, não métodos erróneos, brutais e violentos. Isto é óbvio, não é? Para achardes em outrem um amigo, impende-vos ser corteses e bondosos; não deveis ser coléricos, nem dar motivo a inimizade. Consequentemente, cumpre-vos empregar meios correctos para a consecução dos objectivos exactos, porquanto o fim das acções está no próprio meio. Eles não se separam, não há distância entre ambos. Se quiserdes, pois, que haja paz neste mundo, deveis usar métodos pacíficos. Podeis ter propósitos justos, mas, com meios erróneos, não os alcançareis. Isso é evidente. Entretanto, por infelicidade, somos levados pela autoridade que repete sempre os mesmos mandamentos, pela propaganda, pela ignorância. A coisa em si mesma é simples e clara. A desejardes a existência de um universo fraterno e unificado, deveis então afastar as causas da desagregação: inimizade, ciúme, es-

pirito de aquisição, nacionalismo, diferença racial, orgulho, etc. Poucos, porém, dentre nós, se dispõem a deitar à margem o desejo de poder, a religião que professam, a malevolência, etc.; não queremos abandonar estas coisas e, no entanto, desejamos paz, um mundo são e sem rivalidades.

A não ser por meios pacíficos, não haverá paz universal. Precisais desarraigar de vós, por meios correctos e inteligentes, pelo correcto pensar, as causas da inimizade. O conhecimento de nós mesmos nutre o pensar exacto. Mas, como em geral somos ignorantes de nós próprios e como o nosso pensar-sentir é contraditório, não existe em nós pensamento. Destarte, somos levados, compelidos e forçados a aceitar. Percebendo continuadamente o significado de cada pensamento-sentimento, conheceremos as modalidades pessoais, provindo da autognose o pensar exacto. Este pensar é que suscitará os meios adequados à construção de um mundo sadio e pacífico.

Pergunta: Como libertar-me do ódio?

Krishnamurti: Há perguntas semelhantes com relação à ignorância, à cólera e ao ciúme. Respondendo à pergunta sobre o ódio, espero responder também às outras.

Um problema não é solucionável em seu próprio plano, em seu próprio nível. Deve ser compreendido e, assim, resolvido em um nível de abstração diferente e mais profundo. Se apenas desejarmos livrar-nos do ódio com o suprimi-lo ou tratá-lo como uma intromissão tediosa, não o dissolveremos: sob formas diversas, reaparecerá repetidamente, porque estaremos lidando com ele no seu próprio nível, que é limitado e desprezível. Já se principiarmos a compreender-lhe as causas internas e os efeitos exteriores, tornando o pensamento-sentimento mais amplo e profundo, mais agudo e claro, então o ódio desaparecerá naturalmente, porquanto estaremos ocupados com níveis de pensamentos-sentimentos mais profundos e relevantes.

Se nos encolerizamos e somos capazes de reprimir a cólera ou controlar-nos a ponto de não permitir o seu ressurgimento, nossa mente continua tão estreita e insensível como antes. Que bem obtivemos com o esforço para não nos encolerizarmos, se o pensamento-sentimento permanece invejoso e timorato, estreito e fechado? É possível libertar-nos do ódio e da ira, porém, se a mente e o coração permanecerem estultos, eles suscitarão novos problemas e outros antagonismos e, assim, não terá fim o conflito. Ao passo que, começando a discernir e, por conseguinte, a compreender as causas e os efeitos da cólera, por certo ampliaremos o pen-

samento-sentimento e libertá-lo-emos da ignorância e do atrito. Alertando-nos, começaremos a descobrir as causas da ira e do ódio, i.e., os temores que, sob formas várias, indicam autoprotecção. Permanecendo conscientes, descobrimos, por exemplo, que estamos encolerizados porque alguém está contradizendo a nossa crença. Examinando-a mais detidamente, inquirimos a nós mesmos se a crença, o credo, são absolutamente necessários. Fazemo-nos, assim, mais cônscios do seu inteiro significado; percebemos como os dogmas e ideologias desunem as pessoas, gerando a rivalidade e diversas formas de absurdos estultos e cruéis. Com esse modo amplo de observar e compreender a significação íntima da cólera, ela cedo se desvanecerá e a mente se torna mais penetrante, mais tranquila e sábia, passando a não haver, por conseguinte, lugar para o ódio e a cólera. Libertando o pensamento-sentimento da cólera e do ódio, da cobiça e malevolência, sobrevém uma natural brandura — o único remédio. Essa brandura, essa compaixão, não deriva da supressão nem da substituição, mas da autognose e do correcto pensar.

Pergunta: Embora o senhor já tenha falado acerca da concentração, acho-a extremamente difícil. Poderia ter a bondade de tratar novamente o assunto?

Krishnamurti: Para compreender alguma coisa não é necessária a atenção e o interesse de conhecer? Isto se faz indispensável, sobretudo em se tratando de compreender-nos, porquanto os nossos pensamentos e sentimentos são demasiadamente erradios, rápidos e aparentemente desconexos. Para compreender-nos é essencial larga percepção, e não uma mente exclusivista com seus vezos de rejeitar e julgar, não uma concentração limitante. Dessa percepção se origina a direcção firme e definida da mente, a verdadeira concentração.

Ora, por que achamos tão difícil a concentração? Não é porque o geral dos nossos pensamentos é uma distração, uma dissipação? Quer por hábito, quer por indolência ou interesse, quer ainda porque o nosso pensamento-sentimento não se completou, o pensamento vagueia ou se repete; se vagueia por interesse próprio, suprimi-lo ou dominá-lo é de pouca eficácia, visto como tal supressão e controle constituem mais um factor para novas perturbações. Por fútil que seja o interesse, o pensamento voltará ao mesmo repetidamente, até que para ele nada mais signifique. Se, pois, o pensamento vagueia por estar interessado em algo, por que não perscrutá-lo, em vez de resistir-lhe? Acompanhai-o, cientificai-vos do quanto ele encerra, estudai-o desinteressadamente, até que ele, conquanto estulto e frívolo, seja compreen-

dido e consequentemente dissolvido. Com esse processo de percepção ampla, verificareis que os pensamentos repetidores e interessados no insignificante desaparecerão. Isto só se dará quando, conscientemente, os considerardes e sentirdes em seu total conteúdo, e não com o suprimi-los. Se o pensamento vagueia por hábito, isso traduz alguma coisa, sendo importante percebê-la. Uma vez colhido no hábito, constitui o pensamento-sentimento simples repetição mecânica, mera imitação e, portanto, não exprime nenhum pensar, absolutamente. Examinando esse hábito do pensamento, vereis que pode ser causado pela educação, pelo temor da opinião, pelo adestramento religioso, por influências do ambiente, etc. De modo que o vosso pensamento segue um sulco, um padrão, facto revelador do estado do vosso ser. Pode ainda o pensamento divagar por indolência e, em tal hipótese, isso também é importante, não é assim? Inteirar-se da indolência é fazer-se alerta e, ao revés, não estar consciente dela é ser verdadeiramente preguiçoso. Concorremos para a própria indolência com o fazer dietas errôneas, com o descurar a saúde, com o envolvernos em circunstâncias ou relações entorpecedoras, etc. E como, ao nos tornarmos cônscios das causas da preguiça, podemos provocar perturbações internas com efeitos externos sobre nós, preferimos permanecer indolentes; ou então o

pensamento continua a repetir-se porque jamais lhe permitimos completar-se. Assim como uma carta não terminada se torna uma fonte de irritação, assim também o pensamento-sentimento inacabado se faz repetidor.

Pela vigilância constante começareis a descobrir porque vagueia ou é sempre o mesmo o vosso pensamento-sentimento: se por interesse, hábito ou indolência, ou se em virtude de não se haver completado. Seguindo os vossos pensamentos-sentimentos diligentemente, com intensa mas passiva e desinteressada vigilância, advir-vos-á uma concentração integral, básica à compreensão da realidade. A mente que está formulando, criando, não pode compreender a criação, o incriado. Como pode uma mente tagarela e irrequieta apreender o imensurável? Que vale para uma criança um belo e artístico trabalho? Brincará com o mesmo, mas dele cedo se cansará. Isso acontece com a maioria de nós. Acreditamos ou não acreditamos; nossas experiências e conhecimento são experiências e conhecimento de outrem. Nossa mente é fútil, cruel, ignorante; encontra-se fragmentada, sem integração e quietude. Como pode, assim, compreender o que está além de toda a medida e formulação! Para estarmos verdadeiramente concentrados, toda avaliação deve desaparecer. A percepção flui nos lagos profundos e tranquilos da meditação.

P e r g u n t a : Não terei alguma obrigação para com a minha raça, a minha nação, o grupo a que pertenço?

K r i s h n a m u r t i : Que significa vossa nação, vossa raça? Cada povo diz sua nação, seu grupo, sua raça. Dessa afirmação insensata surge a confusão e o conflito, sofrimento e degradação indescritíveis. Vós e eu somos um; não existe nem Oriente nem Ocidente: somos seres humanos e não designações. Criamos artificialmente nações, raças e grupos, que se colocam em oposição a outras nações, raças e grupos. Criamo-los, vós e eu, com a nossa busca de poder e fama; com o desejo de exclusivismo, com o nos comprazermos em anelos de carácter individual e que limitam a nós mesmos; mediante a cupidez, a malevolência e a ignorância, instituímos as barreiras nacionais, raciais e económicas, separando-nos artificialmente de nossos semelhantes. Tem o homem de reflexão alguma obrigação com uma coisa originada pela malevolência e ignorância? Se sois ainda parte da nação, do grupo, da raça, isto é, o resultado do medo e da avidez, então sois também responsáveis pelo sofrimento e pela crueldade. Assim como fordes, tal será vossa raça, vossa nação, vosso grupo. Deste modo, como é possível estardes obrigados com aquilo de que sois parte? Sòmente quando vos pondes em oposição

à massa, numa reacção de caráter individual e exclusivo, é que incorreis em obrigação. Mas tal reacção por certo é falsa, por isso que vós exprimis o grupo, a nação, a raça; eles descendem de vós mesmos; sem vós, eles não existem.

Por conseguinte, não deveríeis perguntar se estais obrigados para com eles, mas sim como transcendê-los, como sobrepor-vos às causas produtoras dessa existência separativa e exclusivista. Ao interrogardes a vós mesmos qual o vosso dever, o vosso "karma", (1) a vossa relação com a massa, com a nação, estais formulando uma pergunta errónea e esta só obterá uma resposta falsa.

Criastes a nação com o desejo de autolatria e de glória pessoal e, portanto, o que daí resultar achar-se-á condicionado pelo vosso anelo. O resultado de um desejo está no próprio desejo. Dessarte, o problema é como transcender as reacções da individualidade, da massa, ou da nação. E só podeis sobrelevá-las por intermédio da vigilância de vós mesmos, na qual o "eu", a causa do conflito, do antagonismo e da ignorância é observado desinteressadamente, sendo assim compreendido e dissolvido. O preço do correcto pensar é sua própria recompensa.

---

(1) Palavra sânscrita. Significa lei de causa e efeito no mundo moral.

Pergunta: Há diversos caminhos para a Realidade?

Krishnamurti: Não desejaríeis fazer essa pergunta diferentemente? Todos nós temos várias tendências e cada uma delas cria as próprias dificuldades. Há em cada indivíduo uma tendência dominante, seja intelectual, seja emotiva ou sensitiva; tendência para o conhecimento, para a devoção ou para a acção. Todas apresentam complexidades e atribulações próprias. Se seguirdes uma, exclusivamente, rejeitando as outras, não descobrireis a plenitude, a realidade; mas, se vos fizerdes cônscios das dificuldades inerentes a cada tendência, passando, pois, a compreendê-las, alcançareis o todo. Ao perguntarmos se há vários caminhos para a realidade, não queremos aludir às dificuldades e empecilhos que cada tendência defronta, bem como ao desejo de transcendê-los para descobrir o real? Para transcendê-los necessitais de vos cientificar de cada tendência, e observá-la com vigilância passiva e desinteressada, porque, compreendendo os conflitos e atribulações concernentes à mesma, sobrelevar-vos-eis a eles. Mediante contínua percepção meditativa, compreenderemos as nossas tendências com seus impedimentos e alegrias, enfeixando-as num todo.

Ojai, 9-7-44.

X

Como tenho declarado, dando-se primazia ao que é imediato, não se resolve o problema humano, problema esse extremamente complexo. Chamo imediato o considerar, antes e acima de tudo, as coisas dos sentidos e a satisfação dos mesmos. Em outras palavras: atribuir primordial importância aos valores económicos e sociais, em vez dos valores primeiros e eternos, conduz a acções pervertidas e atrozes. O imediato se torna o futuro ao visarmos aos bens do mundo dos sentidos, bem como à satisfação destes, mediante o sacrifício do presente. Ao sacrificarmos o presente com esperança de alcançar felicidade ou bem-estar económico futuros, surge a irreflexão cruel e o infortúnio. Tal prioridade faz nascer inevitàvelmente maior caos, porquanto, conferindo importância ao que é secundário, não distinguimos o todo e, assim, suscitamos confusão e miséria. Impende a cada um tornar-se consciente, deve cada qual, por si próprio, examinar e sentir plenamente o que signi-

fica dar tanto relevo à satisfação dos desejos de sensação. A submissão do homem aos interesses materiais equivale, em última análise, a provocar guerras e catástrofes económicas e sociais. Procurar o enriquecimento por meio de coisas, sejam elas manufacturadas, sejam produto do intelecto, é criar pobreza interior, geradora de indizível desventura. O acúmulo de tais riquezas e a relevância que lhes irrogamos privam o pensamento-sentimento de compreender o real, o único factor capaz de trazer ordem, clareza, felicidade.

Se buscarmos primeiro cultivar o interno, o real, então o secundário, i.é., a ordem social e económica, construir-se-á inteligentemente. De outra sorte, haverá contínuas sublevações em ambos os domínios, bem como guerras e confusão. Com a procura do Eterno, fazemo-nos aptos a criar ordem e lucidez. A parte nunca será o todo e o cultivá-la acarreta perturbação, luta e antagonismo incessantes.

Para alcançar o todo devemos antes compreender-nos. A raiz da compreensão está em cada um de nós e, sem entender a nós mesmos, não compreenderemos o mundo, porquanto o mundo somos nós próprios. A outra pessoa, o amigo, as relações, o inimigo, o vizinho, quer o próximo, quer o distante, sois vós mesmos.

O conhecimento de si próprio é o início do pensar exacto, sendo com o mesmo que desco-

brimos o Infinito. O livro do autoconhecimento não possui começo nem fim: é uma sucessão de constantes descobertas; aquilo que se descobre é verdadeiro e a verdade é libertadora, criadora. Porém, se procedermos à compreensão de nós próprios mirando a um resultado, este será limitativo, enclausurante e impedidor e, dessarte, não se desvenda o Imensurável, o Eterno. Buscar um resultado é procurar um valor e isto equivale a alimentar o desejo, gerando ignorância, conflito e dor. Se tudo fizermos por compreender, por ler este livro complexo e rico, acharemos infinitos tesouros. Ler o livro da autognose é fazer-se consciente. Com a autovigilância, examinamos cada um dos pensamentos-sentimentos sem julgá-lo, permitindo dessa maneira o seu florescer, o qual faculta a compreensão; porque, seguindo-se cada pensamento-sentimento, verifica-se encerrar ele todo o pensar. Só podemos pensar-sentir de modo pleno quando não visamos a um resultado, a um fim.

Com a ciência de nós mesmos passaremos a pensar correctamente e, com isso, é a mente liberta do desejo. Essa libertação constitui a verdadeira virtude. Deve, pois, a mente libertar-se do desejo, visto como é ele a causa da ignorância e da aflição. Para a mente ser virtuosa e desprender-se do desejo, é imprescindível muita franqueza e correcção, e estas só despon-

tam com a humildade. Tal integridade não exprime uma virtude, nem um fim em si, mas uma derivação do pensamento livre do desejo, expresso notadamente na sensualidade, na prosperidade ou no mundanismo, na busca de imortalidade pessoal ou de fama. Ao desembaraçar-se do desejo, compreenderá o pensamento a natureza do medo e, transcendendo-o, fará nascer o amor, em si mesmo eterno. A vida simples não se resume em nos contentarmos com poucas coisas, senão no libertar-nos do espírito de aquisição, da dependência e da distração, quer da interior, quer da exterior. Mediante uma contínua vigilância dissolve-se aquilo que se prende ao tempo, o processo de identificação da memória, construtor da individualidade. Só então poderá surgir o real.

Dificílimo é entender a complexa entidade que somos. Pejada de valores e preconceitos, julgamentos e comparações, não pode a mente compreender-se a si própria. O autoconhecimento advém com a percepção isenta de escolha e, quando o desejo já não perverte o pensamento-sentimento, então, nessa plenitude, em que a mente se acha de todo em todo tranquila, criadoramente vazia, o Supremo se manifestará.

P e r g u n t a : Perdi um filho nesta guerra. Ele não queria morrer: queria viver e impedir que este horror se repetisse. Sou culpado de sua morte?

K r i s h n a m u r t i : É por culpa de cada um de nós que prossegue o actual horror (a guerra). Ele é o resultado de nossa vida interior e cotidiana eivada de cobiça, malevolência e luxúria, bem como de competição, do espírito de aquisição e de dogmas religiosos. É por culpa dos que, dando livre curso a tais coisas, criaram esta calamidade medonha. Por sermos nacionalistas, individualistas e apaixonados, estamos contribuindo, todos nós, para este assassínio colectivo. Ensinaram-vos a matar e a morrer, mas não vos ensinaram a viver. Se, em verdade, abominásseis o morticínio e a violência sob qualquer de suas formas, encontraríeis meios de viver pacífica e criadoramente. Se este fosse o vosso primeiro e precípuo interesse, procuraríeis descobrir as causas e instintos conducentes à violência, ao ódio, ao assassínio em massa. Estais interessados, de todo o coração, em pôr termo à guerra? Se o estais, cumpre então eliminar em vós mesmos as causas que levam à violência e ao homicídio por qualquer motivo.

Para se extinguirem as guerras é necessário haver uma revolução interna, profunda, da tolerância e da compaixão; com isso, o pensamento-sentimento se libertará do patriotismo, da sua identificação com qualquer grupo, da cupidez e das causas geradoras de inimizade.

Declarou-me uma senhora, na qualidade de mãe, que abandonar essas coisas seria não só extremamente difícil, mas significaria grande solidão e completo insulamento, o qual ela não poderia suportar. Não era a mesma, assim, responsável por misérias indescritíveis? Podeis concordar com ela e, desse modo, por indolência e irreflexão, adicionais combustível às chamas sempre crescentes da guerra. Se, pelo contrário, procurásseis sèriamente erradicar de vós mesmos as causas da inimizade e da violência, suscitarieis paz e alegria em vosso coração, que teriam efeito imediato ao redor de vós.

Incumbe reeducar a nós mesmos, a fim de não matarmos e liquidarmo-nos uns aos outros por uma causa qualquer — ainda que se nos figure justa para a futura felicidade dos homens — ou por uma ideologia promissora; não devemos permitir nos eduquem apenas tècnicamente, pois tal educação conduz inevitàvelmente à crueldade: cumpre, sim, educar-nos no sentido de nos contentarmos com pouco, de ser compassivos e de ter sempre em mira o Supremo.

Depende de cada um de nós o obstar à continuação desta ruína, deste horror cada vez maior, e não de qualquer organização, planejamento ou ideologia, não da invenção de maiores instrumentos de destruição ou ainda de qualquer líder; depende, sim, da acção de cada um de nós. Não julgueis que as guerras não pos-

sam ser extintas com um começo tão humilde e modesto, pois uma pedra pode alterar o curso de um rio e para irdes longe deveis principiar pela coisa mais próxima de vós, i.é., por vós mesmos. Para compreenderdes o caos e a miséria universal, cumpre compreender a própria confusão e sofrimento, porque destes é que nascem os grandes problemas do mundo. O entendimento de nós próprios demanda constante vigilância meditativa, que nos faz perceber as causas da violência e do ódio, da avidez e da ambição e, estudando-as sem com ela se identificar, o pensamento transcendê-la-á. Ninguém vos pode conduzir à paz, salvo vós mesmos; não há líder, não existe sistema capaz de pôr fim à guerra, à exploração, à opressão: apenas vós próprios o podeis fazer. Sòmente com o vosso profundo pensar, com a vossa compaixão, com o vosso entendimento pode ser criada a benevolência e a paz.

P e r g u n t a : Embora o senhor já tenha explicado como libertar-nos do ódio, conviria tratar novamente o assunto, pois sinto ser de grande importância sua explanação.

K r i s h n a m u r t i : O ódio provém de uma mente estreita, pobre de desenvolvimento. Mente apoucada é intolerante. A mente aprisionada é passível de ressentimento. Ora,

dizer a si própria uma mente pequenina que não deve odiar vale por permanecer na sua pequenez, porquanto a causa da inimizade e do conflito é a sua ignorância.

Portanto, o problema não é como libertar-nos do ódio, senão como destruir a ignorância, o "eu", causa da estreiteza do pensamento. Se apenas dominardes o ódio, sem compreender as modalidades da ignorância, esta produzirá outras formas de antagonismo e, em consequência, o pensamento-sentimento será violento e permanecerá em constante conflito. Como então haveis de libertar a mente da ignorância, da estultícia? Por meio de contínua advertência; percebendo que o vosso pensar e sentir é insignificante, fútil, limitado, sem disso vos envergonhardes, e compreendendo as causas que o empobreceram e o fizeram aprisionar-se. Com a compreensão das causas profundas e totais surgem a inteligência, a generosidade desinteressada e a benevolência, e o ódio cede assim à compaixão. Com a percepção constante, a causa da ignorância, o processo da individualidade, com o próprio fardo do "eu e d"o meu" — *minha* consecução, *meu* país, *minhas* posses, *meu* deus — é descoberta e dissolvida. A compreensão, porém, só é possível sem a interferência do julgar ou comparar, do aceitar ou repudiar, porquanto toda identificação impede a percepção passiva, a única que faculta o descobri-

mento do verdadeiro, que é criador e libertador. Permanecendo na vigilância negativa, passiva, ou seja em estado de acessibilidade, a mente se faz apta a descobrir a servidão, as influências ideias que a limitam, libertando-se assim das mesmas.

Problema nenhum é solucionável em seu próprio nível: todos têm de ser resolvidos em nível diferente de abstração. Pensar é um processo de expansão, de pesquisa integral, e não uma asserção ou negação concentradas. Tentando compreender o ódio e suas causas, procurando desembaraçar o pensamento-sentimento dos empecilhos e ilusões, a mente se torna mais ampla e profunda. Na grandeza a pequenez deixa de existir.

P e r g u n t a : *Existe alguma coisa após a morte, ou é a mesma, em relação a nós, o fim de tudo? Dizem alguns haver continuidade, outros aniquilamento. Que diz o senhor?*

K r i s h n a m u r t i : Essa pergunta envolve muitas questões e, sendo ela complexa, cumpre tratá-la, se assim o desejardes, profunda e livremente. Em primeiro lugar, que entendemos por individualidade? Pois não estamos considerando a morte abstractamente, senão a morte do indivíduo, da criatura humana. Continuará a entidade individual, com forma e nome,

ou desaparecerá? Nascerá ela novamente? Para respondermos a essa pergunta, importa descobrir primeiro o que é que compõe a individualidade. A uma pergunta errónea não há resposta certa: só é possível responder às questões exactamente formuladas. E nenhuma pergunta concernente aos profundos problemas da vida tem resposta categórica, pois cada qual deve descobrir sòzinho o que é verdadeiro. Apenas a verdade proporciona libertação.

Não é a individualidade, embora tenha forma e nome diferente, o resultado de uma série de reacções e memórias acumuladas do passado, de ontem? Cada um de nós é o produto do passado e este contém a vós e os mais, vós e o outro. Sois o resultado de vosso pai e mãe, de todos os pais e mães; sois o pai, o construtor do passado, o pai do futuro. Assim, por meio da memória identificante, cria-se a individualidade, o "eu" e "o meu", e deste modo nos aprisionamos ao tempo. Daqui vem a pergunta sobre se o indivíduo continua a existir após a morte ou é aniquilado. Sòmente quando a individualidade, o que vem a ser e o que não vem a ser, o criador do passado, do presente e do futuro, ou seja o prisioneiro do tempo, é transcendido, sòmente então existe o imortal, o infinito.

Isto implica também a questão de causa e efeito. São a causa e o efeito coisas separadas, ou está o efeito na própria causa? Eles fluem

juntos, coexistem e exprimem um fenómeno apenas, não podendo separar-se. Conquanto o efeito requeira tempo para surgir, a semente dele está na causa, coexiste com ela. Vemos agora que não se trata de causa e efeito, mas de um problema muito mais subtil e delicado, que deve ser examinado a fundo, problema cuja solução deve ser procurada. Causa-efeito torna-se o meio de restringir, de condicionar a consciência, e essas restrições provocam conflito e aflição. Limitações internas, subtis, devemos descobri-las e compreendê-las por nós mesmos, com o que viremos a libertar o pensamento da ignorância e da dor.

A questão de nascimento e morte, de continuidade e aniquilamento, não encerra a ideia de progresso, de gradualismo? Não pensamos alguns de nós que gradualmente, por sucessivos nascimentos e mortes, no decurso do tempo, a pessoa, tornando-se cada vez mais perfeita, vem a alcançar a bem-aventurança suprema? É o indivíduo uma entidade permanente, uma essência espiritual? Não é a individualidade um resultado, i.e., uma essência em si própria não espiritual? Não tem ela uma continuidade mediante a memória que com a mesma se identifica, memória esta sujeita ao tempo e, portanto, impermanente e transitória? E aquilo que é em si impermanente, que constitui um composto, um resultado, como pode atingir o que não tem

causa, o eterno? Como pode o causador da ignorância e do sofrimento alcançar a bem-aventurança suprema? Como pode conhecer o infinito uma coisa derivada do tempo?

Compreendendo a impermanência da pessoa, afirmam alguns que o permanente se encontra com o despojar-nos das múltiplas camadas constituintes da individualidade, coisa que demanda tempo e daí a necessidade da reencarnação. A individualidade, o produto do desejo, a causa da ignorância e do sofrimento, continua, como observamos; mas, para compreendê-la e ultrapassá-la, incumbe-nos não pensar em termos de tempo. Com a noção de tempo não alcançaremos o infinito. Não é erróneo tratar a realidade por meio do gradualismo, de lento processo evolutivo, através do nascimento e da morte? Não significa isso a racionalização do pensamento condicionado, do adiamento, da indolência e da ignorância? Existe a ideia do gradualismo porque não pensamos, porque não sentimos directamente e com simpleza, não é verdade? Preferimos uma explicação satisfatória, uma racionalização do esforço confuso e indolente. Porém, mediante o pensar condicionado, mediante a procrastinação, pode-se descobrir o real? Pode a individualidade, a causa da ignorância e da aflição, com o decurso do tempo, paulatinamente, tornar-se perfeita? Ou é possível à mesma dissolver-se com o decorrer

do tempo? Pode tornar-se esclarecido aquilo que em sua própria natureza é a causa da ignorância? Não há mister que ele primeiro desapareça, a fim de haver luz? É questão de tempo o seu desaparecimento, verifica-se ele pelo processo horizontal, ou o esclarecimento só é possível quando o pensamento-sentimento abandona este último e assim passa a pensar e sentir verticalmente, de modo directo? A verdade não se encontra ao longo do roteiro horizontal do tempo, da protelação e da ignorância: ela será achada verticalmente, em qualquer ponto do curso horizontal, caso o pensamento-sentimento o abandone e se liberte do desejo e do tempo. Tal libertação não depende de tempo, senão de intensa percepção e da mais completa autognose.

Deve o pensamento passar pelos estágios da família, do grupo, da nação, da internacionalização, a fim de chegar à realização da unidade humana? Não é possível considerar, sentir directamente a unidade humana, sem transitar por esses estágios? Não achais que o que nos impede de fazê-lo é o estarmos condicionados? Se racionalizarmos o nosso condicionamento e, em consequência, o aceitarmos, jamais realizaremos a unidade humana, resultando daí guerras incessantes e calamidades horrorosas. Racionalizamos, não obstante, a própria limitação, por ser mais cómodo aceitá-la como é, por ser mais

fácil continuar na indolência e irreflexão, que examiná-la com a devida coragem, para assim descobrir o verdadeiro. Tememos proceder ao exame porque poderia o mesmo revelar os temores que ocultamos, dando ensejo a maiores conflitos e sofrimento e forçando-nos a acções ocasionadoras de incerteza, insegurança, insulamento, etc. De modo que aceitamos o nosso condicionamento com inventar um sistema de crescimento gradativo, visante a uma vindoura unidade humana, e forçamos o conjunto total do nosso pensamento, sentimento e acção a adaptar-se a essa cómoda teoria.

Não aceitamos também, com satisfação, a teoria do gradualismo, do crescimento evolutivo no sentido da perfeição? Não o admitimos porque nos acalma o ansioso temor da morte, da insegurança, do desconhecido? No entanto, ao aceitá-la, sobrevém o condicionamento e escravizamo-nos a ideias erróneas, a esperanças infundadas. Devemos romper tais limitações não com o tempo, não no porvir, mas no contínuo presente. No presente está o Eterno.

Só o pensar correcto pode libertar o pensamento-sentimento da ignorância e da dor. Ele não deriva do tempo, mas de nos fazermos intensamente cônscios, no presente, de todos os condicionamentos impedidores da claridade e da compreensão.

A realização daquilo que é imortal, eterno, não se encontra no caminho da continuidade do indivíduo, nem tão pouco no seu oposto. Nos opostos há conflito, e não a verdade. Com a vigilância sobre nós mesmos, com a luz da ciência de nós próprios desponta o correcto pensar. A aptidão de alcançar a verdade reside em nós. Cultivando-se o pensar correcto, oriundo da autognose, o pensamento-sentimento florescerá no real, no eterno.

Dir-me-ão agora que não respondi à pergunta, que dela me evadi, contornando-a. Que desejaríeis que eu dissesse — que há ou que não há? Não é mais relevante saber como descobrir por vós mesmos o verdadeiro, que vos informarem o que ele é? Este acto encerra simples palavreado, ou seja coisa de pouco significado, ao passo que aquele suscita a verdadeira experiência, sendo, pois, de grande importância. Se eu afirmar apenas a existência, ou não existência, da continuidade, tal asserção só servirá para fortalecer a crença, e é precisamente isso que obstrui a senda da realidade. O necessário é ultrapassar as crenças estreitas, as fórmulas, os anseios e esperanças de sentir o imortal, o eterno.

Pergunta: Não serão os cientistas que salvarão o mundo?

K r i s h n a m u r t i : A quem chamamos cientistas? Aos que trabalham nos laboratórios e que, fora de tal actividade, são seres humanos como nós, com preconceitos de nacionalidade e raça, com igual cupidez, ambição e crueldade. Salvarão eles o mundo? Estão salvando o mundo? Não se estão utilizando do conhecimento técnico mais para destruir do que para curar? Em seus laboratórios podem estar buscando conhecimento e compreensão, mas não o fazem movidos pelo "eu", pelo espírito de competição, pelas paixões, como os mais seres humanos?

Há mister estarmos em guarda, observando atentamente os grupos organizados. E quanto mais vos organizardes, quanto mais vos controlardes e vos submeterdes a um molde, mais incapazes sereis de pensar plenamente. Em tal hipótese, estareis pensando parcialmente, gerando assim calamidade e miséria. Cumpre acautelar-nos dos profissionais; eles têm interesses próprios, solicitações peculiares e limitadas. É preciso exercer vigilância junto aos especialistas, qualquer que seja a natureza da especialidade. Com a especialização da parte não se compreende o todo. Quanto mais neles confiardes, quanto mais os encarregardes de salvar o mundo da miséria e do caos, tanto mais confusão e catástrofes haverá. Porque quem vos pode salvar a não ser vós mesmos? O líder, o partido, o sistema origina-se em vosso ser e, confor-

me fordes, eles assim serão: se vos mostrardes ignorantes e violentos, competidores e ávidos de aquisição, eles expressarão o mesmo carácter.

Os cientistas e os leigos somos nós próprios. Pensamos na parte, rejeitando o todo; irreflectidamente, consentimos em ser moldados pela lascívia, pela malevolência e ignorância. O temor e a dependência levam-nos a permitir que nos arregimentem e oprimam. Assim, que pode salvar-nos senão a própria capacidade de libertar-nos da servidão motivadora de conflito e miséria? Ninguém pode reeducar-nos a não ser nós mesmos, e essa reeducação constitui espinhosa tarefa.

Em nós está o todo, o princípio e o fim. Achamos de difícil leitura o livro do autoconhecimento e, como somos impacientes e ávidos de resultados, voltamo-nos para os cientistas, para os grupos organizados, para os profissionais, para os líderes. Desse modo, porém, jamais nos salvaremos, pois ninguém pode libertar-nos, uma vez que a libertação da ignorância e do sofrimento advém com a nossa compreensão. A reeducação de nós mesmos requer muita diligência, contínua vigilância e grande flexibilidade, requer não convicções e dogmas, mas compreensão. Para compreender o mundo, o indivíduo deve entender a si próprio, porquanto é ele a expressão do mundo. Com a au-

tognose, i.e., com o conhecimento de si próprio, passará cada um a pensar correctamente. Sòmente assim, só com o pensar exacto haverá ordem, claridade e paz criadora. Para pensar e sentir de maneira nova relativamente ao sofrimento que a existência acarreta, cumpre fazer-nos conscientes, de modo que examinemos, sintamos cada pensamento-sentimento em seu inteiro significado, coisa essa impossível se houver identificação ou julgamento.

P e r g u n t a : *Não estou particularmente interessado no nacionalismo ou na virtude. Vejo-me, porém, sobremodo impressionado com suas palavras acerca do incriado. Não obstante a dificuldade do assunto, poderia o senhor, por obséquio, estender-se um pouco mais sobre ele?*

K r i s h n a m u r t i : Não é possível distinguir entre o nacionalismo, a virtude e o incriado, inter-relacionados como se acham. Não podeis aceitar o que agrada e rejeitar o que desagrada; o agradável e o desagradável, o rito e a dor, a virtude e o mal, estão relacionados entre si. Optando por um e recusando o outro, aprisionamo-nos na rede da ignorância.

Pensar sobre o incriado, sem a mente libertar-se verdadeiramente do desejo, é entregar-se à superstição e à especulação. Para conhecer o incriado, o imensurável, deve a mente deixar de

criar, de tender para a aquisição, bem como alijar a malevolência e a imitação. Também não deve ser, como há sido até agora, um depósito de memórias acumuladas. O que adoramos é criação nossa, não sendo, portanto, o real. O pensador e seu pensamento precisam ser extintos, a fim de existir o incriado.

A manifestação do incriado só se verifica quando a mente permanece em completa placidez. Achando-se dividida, ardente de desejo, a mente nunca estará tranquila. Não existirá virtude se o pensamento não estiver liberto do desejo. Quando o pensamento começa a emancipar-se do anseio, existe o correcto pensar, e este, por sua vez, trará a clareza de percepção. Certo, importa discriminar entre o que pode ser pensado e o que pode ser experimentado. Nossas experiências baseamo-las na fantasia, em fórmulas, no conhecido, mas poucos são capazes de realizar experiência sem símbolos, sem devaneios, sem fórmulas. O entendimento negativo liberta a mente da imitação, do que é criado. A mente humana encontra-se repleta de memórias, de conhecimento, de acção e reacção para com as relações e as coisas. A tranquilidade interior, em si mesma rica, acha-se agora rodeada de pretensões e desejos, não havendo, assim, a vacuidade criadora. A mente rica em actividade, rica em posses e memórias, não percebe a sua pobreza. É incapaz de compreender de

maneira negativa, de conhecer o incriado. A sabedoria suprema lhe é negada.

P e r g u n t a : Não é necessária a prática de uma disciplina regular?

K r i s h n a m u r t i : Um dançarino ou um violinista pratica muitas horas por dia a fim de manter os dedos macios e os músculos flexíveis. Ora, é-vos possível manter a mente maleável, reflexiva, compassiva, com o praticar determinado sistema de disciplina? Ou só podeis conservá-la alerta, aguda, com a percepção constante do pensamento-sentimento? Pensar, sentir, não é pertencer a algum sistema. Deixamos de pensar se pensamos por meio de sistemas e, como fazemos justamente isso, nosso pensamento precisa de se fortalecer. Um sistema só produzirá determinada forma de pensamento, mas tal coisa não constitui o pensar, não é verdade? A mera prática da disciplina para a obtenção do resultado surte apenas o efeito de adequar o pensamento a funcionar em um sulco, limitando-o, pois. Ao passo que, se nos fizermos conscientes e compreendermos que pensamos em termos de sistemas, fórmulas e padrões, então o pensamento-sentimento, libertando-se deles, tornar-se-á a pouco e pouco flexível, alerta e agudo. Se considerarmos plenamente cada pensamento, acompanhando-o até

onde nos for possível, seremos capazes de compreender e sentir ampla e profundamente. Essa larga e profunda percepção traz a própria disciplina, disciplina não imposta, exterior ou interiormente, de acordo com qualquer sistema ou modelo, mas resultante do conhecimento de nós mesmos, ou seja do correcto pensar, da compreensão. Tal disciplina é criadora, não forma hábito nem estimula a indolência.

Inteirando-vos de cada pensamento-sentimento, ainda que seja trivial, e examinando-o e sentindo-o tão funda e amplamente quanto possível, o pensamento rompe as limitações que a si impôs. Desponta assim um ajuste compreensivo, uma disciplina muito mais flexível e eficaz que a imposta por qualquer padrão. Sem despertar a mais alta inteligência mediante a percepção, a prática de uma disciplina só servirá para instituir o hábito e a irreflexão. A percepção em si, oriunda da autognose e do exacto pensar, suscita uma disciplina própria. O hábito e a irreflexão, como meios de chegar a um fim, conduzem à ignorância. Meios exactos geram fins exactos, porque o fim existe nos meios.

P e r g u n t a : Como devo aquietar a mente de modo que ela compreenda algo que influa nos poblemas diários? Como mantê-la tranquila?

K r i s h n a m u r t i: Assim como um lago se acalma ao parar a brisa, assim também a grande tranquilidade surdirá quando a mente compreender e, consequentemente, transcender os contraditórios problemas por ela criados. Tal placidez não pode ser induzida pela vontade, nem pelo desejo: deriva da libertação do desejo.

A meditação como em geral é compreendida consiste em aquietar a mente por diversos métodos, com o que mais se enrijece a concentração exclusiva, aquela que se fecha em si própria. Essa concentração estreita traz determinado resultado, mas não é o entendimento amplo, nem a suprema inteligência, aquela sabedoria que origina naturalmente, sem compulsão, a tranquilidade. Essa compreensão há de ser despertada, desenvolvida mediante a contínua vigilância dos nossos pensamentos, sentimentos e acções, de toda perturbação, grande ou pequena que seja. Compreendendo-se e, deste modo, dissolvendo-se os conflitos e as perturbações existentes na mente consciente, na parte externa, ou seja facultando-se-lhe clareza, ela se torna passiva, em condições de perceber as camadas de consciência mais profundas e inter-relacionadas, com seus acumulamentos, impressões e memórias. Destarte, mediante a vigilância constante, o processo intrincado do desejo, causa do "eu" e, por conseguinte, do conflito e da dor, é

observado e compreendido. Sem conhecer-nos, sem pensar correctamente, não podemos meditar e, não havendo percepção meditativa, não haverá autognose, i.e., o conhecimento de nós próprios.

Ojai, 16-7-1944.

ÍNDICE